

Juliana Giongo

CECI em SAGITARIO

Um livro fofo e forte sobre maternidade real
para você se conectar com seu filho e se
entender mais como mãe e mulher



Juliana é jornalista, mestra em educação e especialista em gestão de pessoas. Tem uma experiência legal em rádio, televisão, assessoria de imprensa e produção de conteúdo. A escrita é terapia e a comunicação está no sangue. É observadora e adora registrar no papel seus sentimentos e percepções sobre a vida e o mundo. Entre todas as andanças que teve, a maternidade foi (e é) a mais desafiadora. Para ela, o sentido de estarmos aqui, nesse tempo e nesse lugar, é para evoluirmos.

Cecília é uma simpática garotinha de olhos ligeiros. Todo mundo sabe o nome dela na escola. Nasceu no final de 2015. É doce como um pudim e forte como uma pimenta. Andou com um aninho e deslanchou a falar aos dois. Com dois anos e meio já sabia dizer as cores básicas em inglês. Adora ajudar a mamãe na cozinha e tem paixão por maquiagem. Básica, mas nem tanto. Essa é a Cecília. Mas pode chamar de Ceci.





Editora Livrologia

www.livrologia.com.br

franquia@livrologia.com.br

Título: Ceci em sagitário

Subtítulo:

Formato: Papel

Veiculação: Físico

ISBN 978-65-86218-11-4. (jan/2020)

Coordenação Editorial

Ivo Dickmann

Revisão

Rosenei Cella

Diagramação

Denis Cardoso

Planejamento e

acompanhamento da obra

Ingrid Thays Santin

Identidade Visual e

naming do projeto “Ceci
em Sagitário”

Kaline Schenatto

G496 Giongo, Juliana.

Ceci em sagitário. / Juliana Giongo. 1.ed. – Chapecó: Livrologia, 2020.

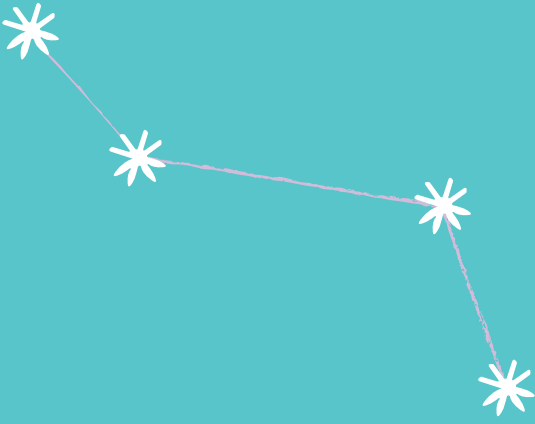
1. Maternidade – Aspectos psicológicos. 2. Mães – Aspectos sociais. I. Título.

CDD 306.87– 22.ed.



CECI EM
SAGITARIO

Juliana Giongo



SUMÁRIO

- 01** PREFÁCIO
- 01** APRESENTAÇÃO
- 01** O GRANDE DIA!
- 02** O PESADELO DAS CÓLICAS
- 03** CANTINHO DO PENSAMENTO
- 04** QUEM AMA TAMBÉM BRIGA!
- 05** E AGORA, MAMÃE?
- 06** EXPLICANDO O MUNDO
- 07** ESMALTE DE BRILHO
- 08** POR QUE “CECI EM SAGITÁRIO”?
- 09** BANHO DE CHUVA
- 10** CECI PARTIU... PARTIU FÉRIAS!
- 11** DE VOLTA PRA CASA
- 12** NA COZINHA COM A CECÍLIA
- 13** QUANDO A TEORIA NÃO FUNCIONA
- 14** NOS MÍNIMOS DETALHES
- 15** IGUALZINHA A MIM!
- 16** MATERNIDADE E CULPA:
PRECISAMOS FALAR!
- 17** QUEM SOU EU, ALÉM DE MÃE?
- 18** CABEÇA NAS NUVENS
- 19** CRIANÇA ARRUMADINHA
- 20** UM FILHO PARA CHAMAR DE MEU
- 21** O QUE O AMOR FARIA AGORA?
- 22** CONSELHO FURADO: O QUE TODA
MULHER OUVE QUANDO ENGRAVIDA
- 23** “MAMÃE, PODE SAIR”
- 24** O MUNDO PELOS OLHOS DA CECI
- 25** PISEI NA BOLA

VIVER, SENTIR, DAR SENTIDO
E ENCONTRAR SIGNIFICADO:
**A MATERNIDADE
É DOCE, MAS NÃO É
DE GELATINA.**

A Juliana é uma amiga que reencontrei. Ela não sabia que era minha amiga quando foi ao consultório. Mas a sua voz e o seu sorriso solto eu conhecia há muitos anos, ainda da época em que ela era radialista. Escutávamos músicas juntas e guardei a sensação de amizade.

Sabe aquela felicidade que você sente quando encontra alguém que você gosta?! Esse sentimento permitiu que pudéssemos conversar, partilhar e estruturar o enfrentamento do período em que a Ju estava vivendo, um momento especial: o mestrado e os desafios de associar estudo, trabalho e maternidade.

Fala-se pouco dos dissabores e das dores que acompanham naturalmente as doçuras da maternidade. A Medicina de Família permite que eu acompanhe pessoas nas mais diversas fases dos ciclos da vida. E a maternidade é um divisor de águas na vida de uma mulher.

De “gestante estrela”, quando a gravidez é planejada e aceita, à “mãe coadjuvante”, a mulher vai ao céu e à terra muitas vezes, podendo até visitar o inferno de uma depressão pós-parto. Passados os primeiros meses vem o desafio de unir a vida profissional, afetiva, conjugal com a maternidade. Nessas transformações a mulher cria uma nova identidade, liberta-se de algumas noias e aprende que nenhum conselho tem validade, e que quando dizíamos “comigo isso não vai acontecer” era porque estávamos só na teoria. Na prática, o que vale mesmo é o que se sente e o sentido que se dá a esse período.

Nesse descobrir, rir, chorar e aprender, a maternidade nos reconstrói e mostra o seu significado. E isso é individual e de difícil transferência, mesmo para a melhor das conselheiras de plantão. Aprendemos, eu e a Ju, compartilhando a teoria médica e as vivências. Lembro da emoção que senti quando a Ju descreveu a Ceci deitada debaixo da sua mesa enquanto ela estudava. E, depois de um tempo, de forma natural, passamos a trabalhar juntas, a escrever sobre temas e assuntos que nos estimulem. Por isso, escrever essas poucas palavras é uma honra e um presente para mim.

A Ju, essa mulher incrível, mergulhou em suas emoções com muita coragem, transformou suas vivências em aprendizados e então surgiram essas lindas histórias recheadas de amor e cor. O presente é esse livro que ela gestou, pariu e agora presenteia a todos. Sinta. Aproveite. Divirta-se. Tem muito amor por aqui.

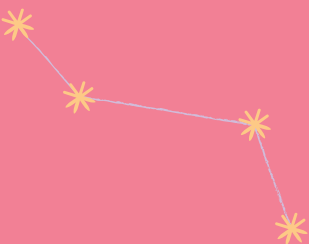
Maikelli Simes
Médica de Família e Comunidade
www.maikellisimes.com.br



SENTA AQUI, VAMOS CONVERSAR...

Você sabe que, com criança em casa, todo dia tem novidade. Todo dia uma surpresa, uma pergunta sem resposta, uma birra, um carinho, um passo em direção à independência e à autonomia. O “Ceci em Sagitário” vem para registrar momentos fofos e fortes entre mãe e filha, com uma pitada de bom humor e reflexão. Nem tudo são flores, mas certamente tudo resulta em aprendizado. E é isso que vale: o que a gente constrói juntas, especialmente quando se tem tanto amor e conexão como eu e a Ceci temos.



Com o Ceci em Sagitário eu assumi um propósito: quero que as mulheres falem sobre suas experiências com a maternidade. Quero que compartilhem a respeito de como foi dar à luz ou adotar uma criança. A maternidade é um acontecimento único e exclusivo na vida de uma mulher. É por isso que, refletindo sobre a própria jornada, cada mulher poderá se perceber, fazer as pazes com a sua essência feminina e, de forma autoconsciente, aceitar que a maternidade é isso mesmo: um emaranhado de erros e acertos.





O GRANDE DIA!

O nascimento
é sempre um
divisor de águas.



E então, a Cecília nasceu. Era uma terça-feira de primavera, sagitariana como a mãe. Foi naquela prometida terça-feira de virada de lua, bem na entrada da fase cheia - a lua das meninas, como as avós dizem. Minha mocinha veio ao mundo com 38 semanas e três dias de uma gestação tranquila, sem riscos, sem enjoos, sem azia.

Na madrugada senti dores fortes. Terça-feira, no amanhecer de 24 de novembro de 2015, tive a certeza de que as aguardadas contrações haviam chegado. Avisei minha médica, que pediu para me ver no consultório. Fui anotando os horários das cólicas, até então irregulares, porém frequentes, e logo uma lista longa de episódios se formou no papel. Às 11h da manhã eu estava amortecida de dor, sem dilatação e com o diagnóstico do último ultrassom em mãos: a Cecília estava com o cordão umbilical em volta do pescoço. Sinal de alerta!


O sonhado parto normal ia pelo ralo. Tinha até playlist prontinha para o momento, mas não ia acontecer. Como não sou adepta dos radicalismos, confiei na minha médica. De uma hora para outra, em razão dos riscos para o bebê e diante de um parto que se desenhava longo e de risco, a Dra. Taciana Alflen, sabiamente, batia o martelo da minha cesariana para uma hora mais tarde.

Sim, já eram 15h30 e às 16h55 eu veria o rostinho da Ceci pela primeira vez. A minha reação foi rir. Imagina!


O momento mais esperado dos últimos 9 meses estava ali na minha cara, antes do tempo previsto. Eu estava feliz e muito tranquila, com pessoas queridas e profissionais cuidando de mim. Brincamos sobre fazer uma transmissão ao vivo do parto para a Atlântida e, antes da cirurgia começar, o aparelho da sala já estava sintonizado na rádio em que eu trabalhava. Foi um pedido meu. O colega Yago Ourique fazia um boletim com notícias da Chapecoense naquele momento, lembro bem.

Não senti dor alguma durante o procedimento. Tudo ocorreu da melhor forma possível. Ainda na sala de recuperação, cerca de uma hora depois de nascer, a Cecília teve o primeiro contato com o meu peito. E mamou feito gente grande! Muitas mães relatam dificuldade para amamentar, um processo cansativo e doloroso, mas eu não posso dizer o mesmo. Nesse aspecto minha mocinha nasceu sabendo!

Os dias seguintes foram de adaptações. Como uma pessoa que você já conhece virtualmente e depois de 38 semanas tem a oportunidade de ver pessoalmente e iniciar uma relação, uma construção, assim aconteceu com a gente. Um amor que nasceu como uma sementinha, e só foi crescendo, dia após dia. Minha vida nunca mais foi a mesma. Que sorte eu tenho!




- Mamãe, quando eu crescer quero ser policial, igual a amiga da Didí.




- Por que você quer ser policial, Ceci?


- Pra prender as pessoas que desobedecem.




- E o que você vai fazer com essas pessoas?



- Vou fazer o que você faz comigo: colocar no cantinho do pensamento e ter uma conversa bem séria!





O PESADELO DAS CÓLICAS

Quando a psicologia ajuda
mais que os remédios.



Então o homem inventou a roda, descobriu a eletricidade, as ondas eletromagnéticas, foi para lua, criou vacina para tantas doenças, mas não consegue solucionar algo tão simples e tão antigo: as cólicas de um recém-nascido. Estou chegando à conclusão de que essas dores terríveis que acometem nossos pequenos – tão pequeninos, vão muito além de um natural amadurecimento do intestino deles. É um teste psicológico para os pais. Tipo vestibular para medicina ou concurso para juiz.

Do desespero de chorar junto à frieza de conseguir lidar com os gritos desolados da Cecília, posso dizer que encontrei um equilíbrio. Entendi que os remédios nem sempre são a melhor solução, que as receitinhas caseiras ajudam (não resolvem, mas ajudam), que um colinho conforta, um barulho de shhhhhiiiiiii no ouvidinho acalma, uma bolsa de água morna, um banho quentinho, andar pra cá e pra lá, ginástica nas perninhas, massagem na barriguinha... sim, é confortante!

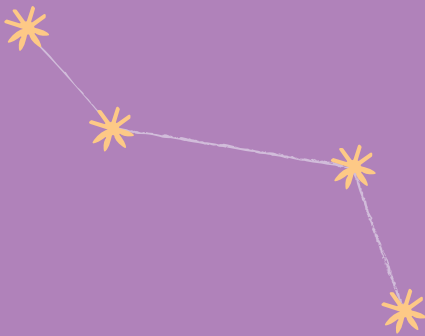
Colo da mamãe, mamar no peito, um bico pra chupar, tudo ajuda, mas o que mais contribui é a tranquilidade de saber que não é uma doença, que um dia talvez você recupere as infinitas horas de sono a menos e as olheiras que surgiram de brinde e que daqui a alguns anos você vai esquecer desses dias que emendaram com as noites, sábados, terças, meio-dia, tanto faz, não importa, nem lembro mais. Por outro lado, a sensação de conseguir acalmar um bebê é algo sensacional.

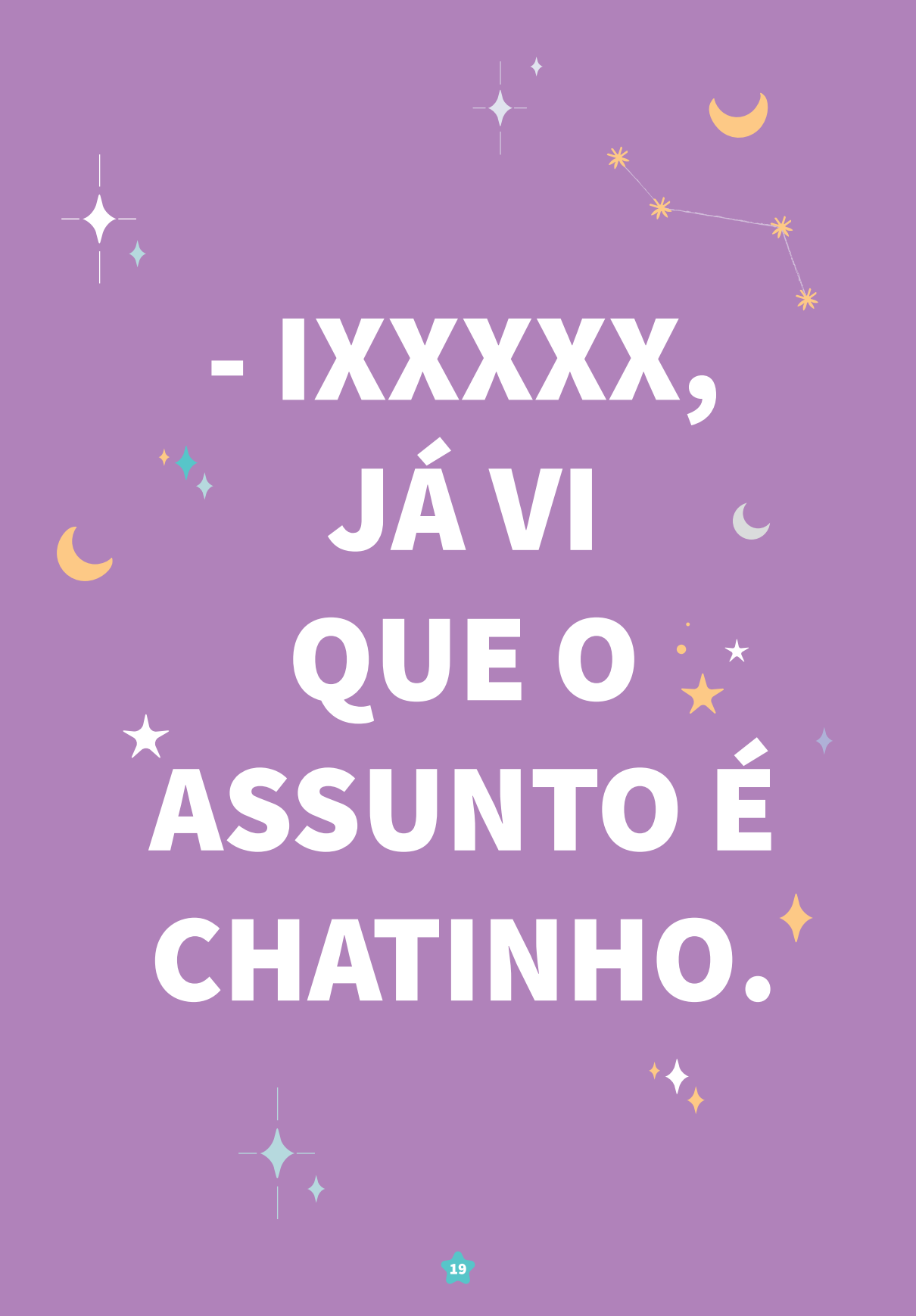
Você se sente com superpoderes. Dá para perceber quando o corpinho amolece, relaxa nos seus braços e, enfim, a criança consegue dormir. É uma emoção misturada com alívio. Parece que você descobriu a cura da AIDS e agora toda a humanidade lhe é grata. Silenciosamente grata. Até a próxima crise, claro!



*Cecília brigando porque não
queria tomar remédios.*

- Dona Cecília, eu preciso
ter uma conversa bem
séria contigo.





**- IXXXXX,
JÁ VI
QUE O
ASSUNTO É
CHATINHO.**



CANTINHO DO PENSAMENTO



Às vezes eles testam
nossa paciência pra valer.



Outro dia precisei colocar a Cecília de castigo às 7h20 da manhã. Era um sábado gelado e ela acordou, tirou toda a roupa e começou a correr pelada pela casa. Com os lábios roxos de frio, não estava nem aí para a temperatura perto de zero. Pronto: me tirou do prumo.

“Cecília, vem aqui colocar roupa”, “Cecília, eu tô falando”, “Cecília, agora!” Palavras ao vento. Nada de a Ceci me ouvir. Coloquei ela sentada na sala, no cantinho do pensamento e com firmeza, fiz ficar ali. A mãe Juli tornou-se a própria Malévola.

Chorou, chorou e chorou. Muito sentida, pediu colo. Eu não dei. Ela chorou mais. Depois de dois minutos pedi se ela queria colocar roupa. Fez que não com a cabeça. Mais dois minutos no cantinho, então! Eram só 7h30 do meu dia de folga! Jesus!

Quando ela concordou em colocar roupa (já azul de frio) eu peguei no colo, sequei as lágrimas, consolei o desespero e vesti roupas quentinhas. Conversamos bastante (no caso, eu falei bastante) e ela fez cara de quem entendeu.







Meia hora depois a Ceci tinha colocado todas as bonecas de castigo. Adivinha o motivo? Não queriam vestir roupa. Mas quanta coincidência! Agora vira e mexe as bonecas estão de castigo lá em casa. A Cecília, ao menos, por esse motivo, não precisou mais visitar o cantinho do pensamento.



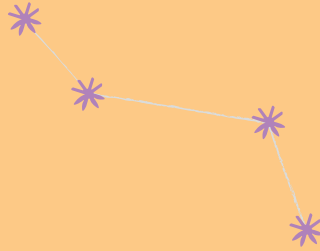
-Ceci, vamos para
o banho?



-Não, mamãe!



**Eu vou pro
banho só
semana
passada
quando eu
acordar!**



QUEM AMA TAMBÉM BRIGA!

Os primeiros
sentimentos
podem doer.



Cecília tem um primo chamado Lorenzo. Ela tem três anos, ele cinco. Ceci adora ele! Tudo o que o Lô faz ela imita. Se o Lô come macarrão, ela come macarrão. Se o Lô chuta a bola forte, ela também. Omelete? Claro! Só no brócolis o Lorenzo ganha em disparado.

A alegria é imensa quando eles se encontram na casa da vovó Leoni. Como todos que se amam, a dupla, às vezes, briga. Já se desentenderam por coisas sérias para uma criança: um não queria emprestar a massinha de modelar, o outro estava com ciúmes da gaitinha de boca nova, um não dividiu o suco de uva, o outro foi pescar sozinho sem convidar ninguém, etc. Na maioria das vezes não dá tempo de um adulto intervir que já está tudo bem de novo. Só que hoje foi diferente. Encontrei a Cecília aos prantos entre a sala e a cozinha. O choro estava carregado de um sentimento nunca antes experimentado.

Corri para atender:

- *O que foi, meu amoor?! Exclamei perguntando.*
- *O Lô disse que eu sou feia! Lamentou Cecília chorando a dor do universo.*
- *Ele estava brincando. Contornei.*
- *Não tava não e eu tô muito tristeeee! Buááá...*

As lágrimas caíam rápido, uma atrás da outra.

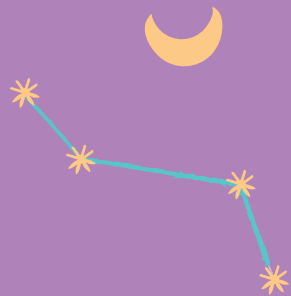

Conversa daqui, explica dali. Pega no colo, chama um que se escondeu atrás do sofá, consola o outro. Conversa mais um pouco. Pela primeira vez um pedido de desculpas do Lorenzo não foi suficiente. Ceci só se confortou quando o fiel companheiro de aventuras disse que ela era muito, mas muito bonita, olhando nos olhos e segurando suas mãozinhas. Um suspiro profundo e tudo estava bem de novo.

Meia hora depois o Lorenzo, com seus olhos ligeiros e já prevendo uma nova cena dramática da prima, soltou:

- A Ceci é feiaaaa, lero, lero, lero...

- Feio é você! Disse Cecília com firmeza.

Diante do inesperado enfrentamento, as coisas se resolveram ali. Sem lágrimas. Sem mágoas. Meio minuto e já estavam brincando de pega-pega na grama até o dia ficar noite e as pernas não aguentarem mais.




-Mamãe, eu te amo do tamanho de um prédio!



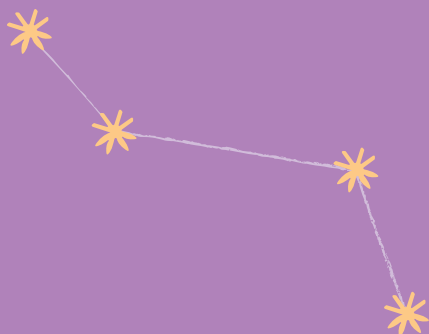
-E eu te amo do tamanho das estrelas.

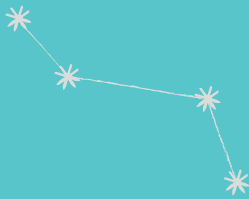


Carinha de decepção e, em seguida, o desabafo.



-Mas uma estrela é tão pequenininha!





E AGORA, MAMÃE?

Tem horas em que a gente não sabe o que fazer. É sentar e chorar.



Cecília fica na escola em tempo integral. Eu trabalho fora o dia todo e até já superei a culpa por não dispor de todas as horas do relógio (e as horas de todos os relógios do mundo) para ela. Quando está tudo bem é assim. Mas quando ela adocece, Jesus! O coração fica igual a farelo de pão na toalha do café: esbugalhado.

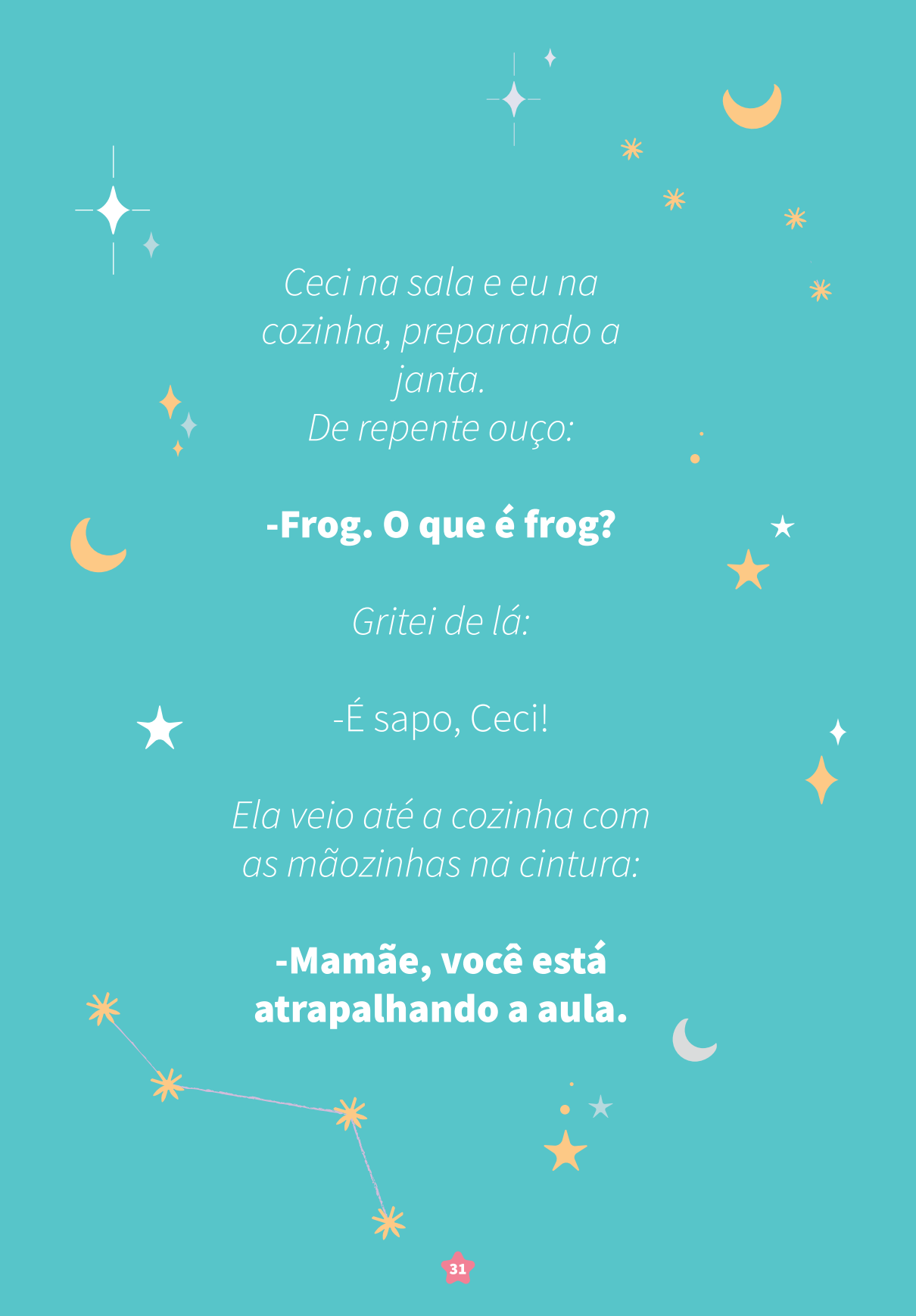
Recebi um recado da professora da Cecília hoje, no intervalo do almoço. Enquanto aparecia no WhatsApp a terrível palavra no gerúndio “digitando”, eu infartava. Afinal, quando chamam da escola é porque foi sério. Ninguém liga para contar que seu filho comeu a maçã inteira no lanche.

O meu racional/consciente já sabia que a Ceci estava bastante gripada há alguns dias, com febre e tosse forte. Mesmo assim, enquanto a Prof.^a digitava, o tempo congelou. Claro que era mesmo a dita gripe, a febre, as dores de cabeça e no corpo. Como o previsto. Lá vou eu explicar a situação para o chefe, desmarcar reuniões e sair correndo para levar a filha ao médico. Passa um tempo, medicamentos na mão, e eu já imaginando a Ceci pulando no sofá dentro de alguns instantes. Só que não! Eu esqueci que essa empreitada “remédios” nem sempre é tranquila.

O primeiro foi de boa, o segundo remédio foi com muita conversa e o terceiro só depois de 15 minutos de castigo. Mas tinha o quarto, e era o antibiótico. Nada menos que o principal do receituário. Cecília tomou o primeiro gole (do quarto remédio), torceu a cara e saiu correndo e berrando: “é chulé, mamãe!”

Isso é chulé”. Engoli o riso e fui atrás. Ceci desesperada correndo pela casa. Eu desesperada correndo atrás da Ceci. Apliquei a tática da conversa, da promessa de presentes, as negociações que aprendi vendo La Casa de Papel, força física... nada! Até que ela pediu: “por favor, castigo ou picadinha, mamãe”. Eu não acreditei! Ela tem pavor de castigo. Quis confirmar: “você quer castigo, Cecília, ou o remédio?!” “Castigo ou picadinha, por favor”, pediu.

No caso, picadinha é injeção. Foi nesse momento que eu sentei no tapete da sala feito um soldado abatido. Eu e ela já estávamos exaustas. Cecília dormiu e eu sigo aqui sentada, no mesmo lugar, pensando se eu mesma tomo esse maldito antibiótico ou se levanto para pegar uma cerveja... E agora, mamãe?!



*Ceci na sala e eu na
cozinha, preparando a
janta.*

De repente ouço:

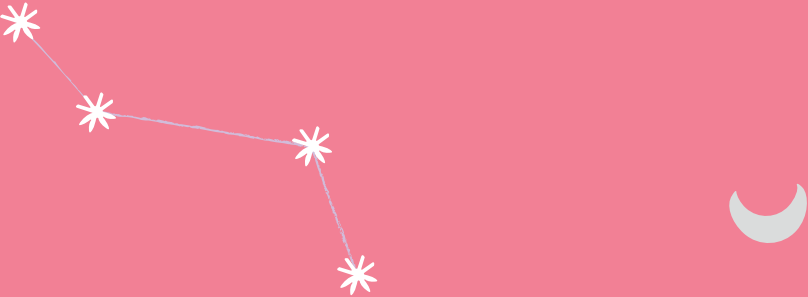
-Frog. O que é frog?

Gritei de lá:

-É sapo, Ceci!


*Ela veio até a cozinha com
as mãozinhas na cintura:*

**-Mãe, você está
atrapalhando a aula.**



EXPLICANDO O MUNDO

Quando as perguntas
são tantas que a gente
se perde nas respostas.



A Cecília, de duas semanas para cá, está mais falante. Conta histórias, canta o hino nacional, imita personagens dos contos, mas principalmente, começou a se interessar mais sobre as coisas ao seu redor. Como se, num piscar de olhos, ela notasse que não está sozinha no mundo.

A chamada “fase dos porquês” é linda e geralmente vem entre três e quatro anos; é o que dizem os livros. Ceci está com quase três e penso que inauguramos o momento com uma etapa anterior, chamada “o que é”. E haja argumento e saliva!

Eu já tive que providenciar explicações para várias dúvidas muito sérias:

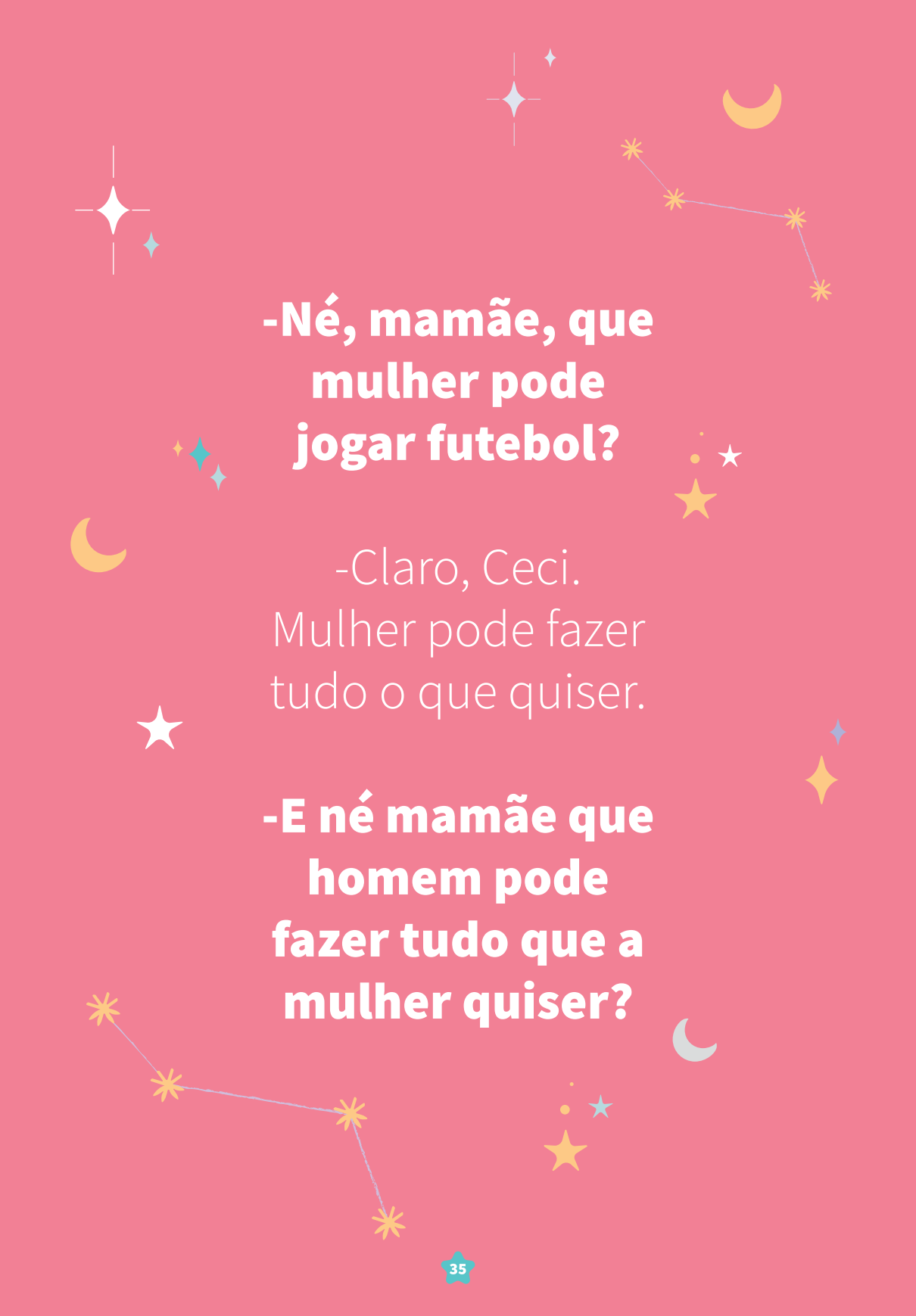
- O que é cemitério? O que é tinta fresca? O que é sutiã? O que é ferro? O que é trem? O que é nojo? O que é gravidez?

E por aí vai...

Nem sempre é simples se fazer entender. A explicação do cemitério eu vi que não convenceu. Ela ficou pensativa. Senti que errei. Sobre o trem, eu tentei dizer que era parecido com um carro, que servia para transportar coisas e pessoas. Disse também que não tinha nenhum trem de verdade aqui perto para eu mostrar. Ela deu a solução na hora: “Mas me mostra no teu celular, mamãe!”

Claro, Ceci! Como não pensei nisso antes? Depois acabei até esquecendo porque as perguntas não pararam. Sutiã ela mesma explicou. Pergunta e resposta simultâneas. Um dia inventei de contar que ela morava na minha barriga e mostrei fotos do fim da gestação. Ceci ficou muito admirada e nunca mais esqueceu! Sempre fala que lembra de como era tudo lá dentro (Eu não duvido!).

Agora Cecília pediu para voltar para minha barriga. Eu falei que não dava porque ela já era uma mocinha! Fez cara de choro, atou o burro. Para isso, minha filha, mamãe não tem solução. Vamos para a próxima pergunta?!



**-Né, mamãe, que
mulher pode
jogar futebol?**

-Claro, Ceci.
Mulher pode fazer
tudo o que quiser.

**-E né mamãe que
homem pode
fazer tudo que a
mulher quiser?**



ESMALTE DE BRILHO



O presente mais
lindo do mundo
é o amor.



Era 03 dezembro, véspera do meu aniversário. Acordei a Ceci e contei que no dia seguinte a mamãe estaria de parabéns! Ela ficou muito animada. Deve ter lembrado da festança que rolou 10 dias antes, quando ela completou 3 aninhos. Teve bolo na escola, bolo na casa da vovó, presentes de todos os lados, muitos balões, pastéis e brigadeiros. Uns 3 dias de junção, mais ou menos.

A primeira reação dela foi arregalar aqueles olhos castanhos, colocar as mãozinhas no rosto em sinal de espanto e soltar: “eu vou te dar um esmalte de brilho, mamãe”, exclamou decidida.

“Eu quero! Eu quero!” Foi minha resposta. No caminho da escola, ela ficou repetindo a promessa, acrescentando que no fim do dia ela mesma pintaria minhas unhas. Uau! Nesse dia fui para o trabalho pensando em como fazer para colocar o plano da Ceci em prática.

Moramos só eu e ela e não daria tempo de envolver a vovó Leoni ou uma das tias para ajudar. Considerei comprar o esmalte e deixar com uma das professoras da Ceci, mas não sabia se seria o ideal. Comentei no trabalho e uma das colegas contou como a mãe dela fazia para que os filhos

pequenos pudessem lhe dar presentes, já que o pai havia falecido quando eles eram crianças. Adorei a sensibilidade e a criatividade e, claro, fiz o mesmo.

Comprei o esmalte de brilho e escrevi um bilhete. No dia 04 de dezembro, de manhã cedinho, fui acordar a Ceci e mostrar para ela o que eu tinha encontrado na sala: um presente e um bilhete! O que seria aquilo? Caprichei no suspense.

Ela foi se empolgando e desenhando um grande sorriso.


O bilhete era da Fada Madrinha, dizendo que tinha comprado o esmalte de brilho pra Ceci dar para mamãe de aniversário! Cecília, com os olhos brilhando tanto quanto o esmalte, disse: “isso mesmo, mamãe. Eu pedi para ela comprar o presente pra você”, entrando imediatamente na magia da história. Tive vontade de chorar de emoção.

À noite, quando chegamos em casa, ela pintou as minhas unhas e os meus dedos também rrsrsrs... Habilidade e amor. Amor e esmalte de brilho. O presente mais lindo que eu já gachei até aqui.



Ceci estava muito impressionada.

-Mamãe, você sabia que aqui na nossa casa os tapetes são mágicos?




-Ah é, Ceci? Como assim?

Fez com a mãozinha para eu me abaixar e falou no meu ouvido.

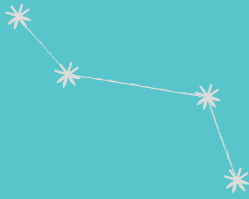


- É que eles trocam de lugar quando a gente não está em casa.



Não tive coragem de contar que foi a Rosi, nossa faxineira.





POR QUE “CECI EM SAGITÁRIO”?



Um mapa astral muito parecido.



Existe um fato curioso lá em casa. Todas as mulheres da família são de Sagitário. TODAS nasceram quando o sol estava iluminando o nono signo astrológico, cujo símbolo é um centauro com uma flecha apontada para o além. O ser metade homem, metade cavalo.

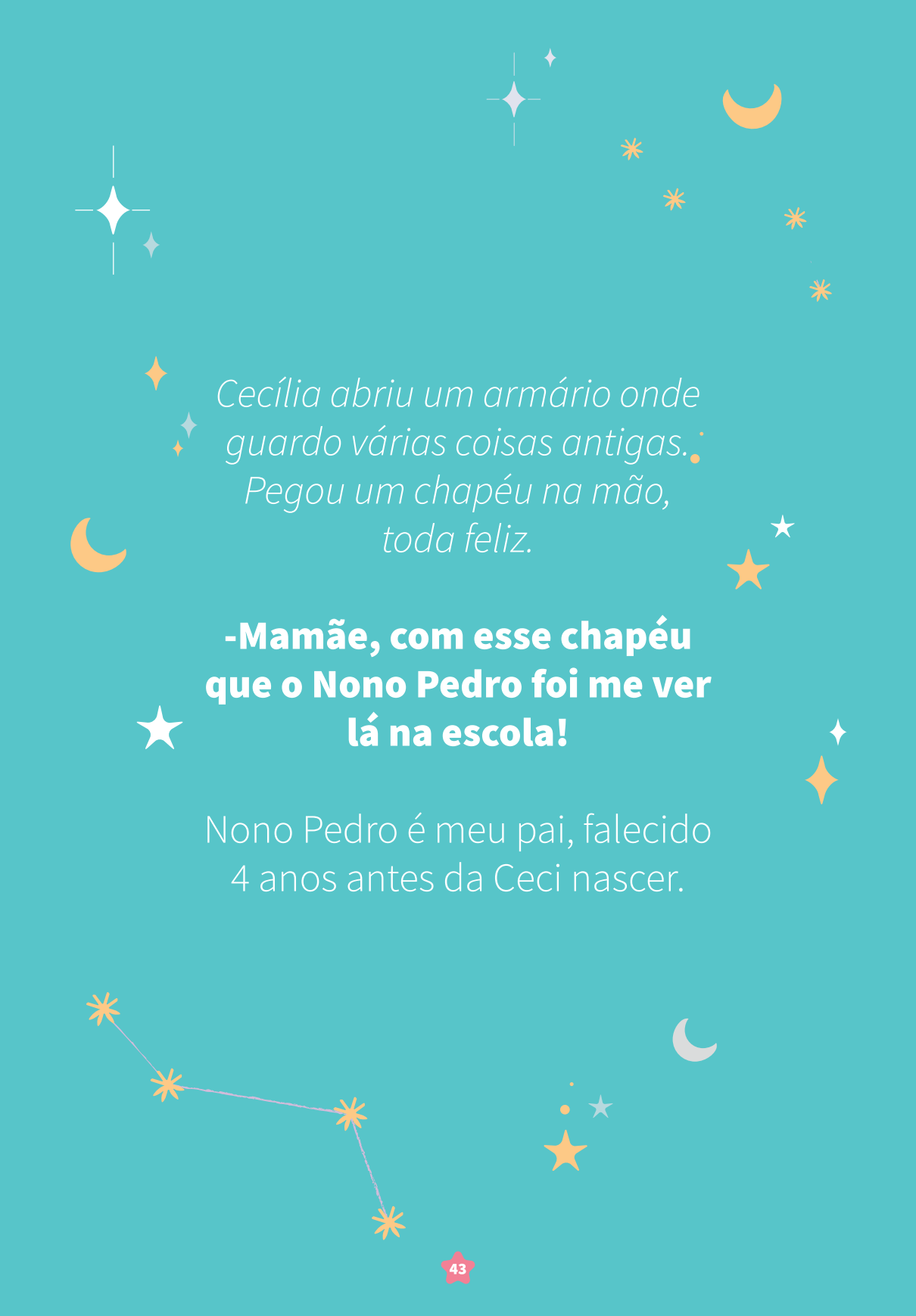
Minha avó, minha mãe, eu, minha irmã caçula e minha filha nascemos entre os dias 22 de novembro e 21 de dezembro. Somos sagitarianas! Tá bom ou quer mais? Pois bem, temos um bônus: meu irmão mais velho também é. Imagina 5 mulheres (mais um homem) contando piadas, rindo até do que não deve, sendo otimistas além da conta, expansivas, exageradas e, às vezes, sinceras demais? É bem assim.

É por isso que, no momento de colocar as ideias para fora e decidir o nome do Blog, surgiu essa história que eu já contava entre os amigos. Ceci em Sagitário é um trocadilho. Juntamos Sol em Sagitário com o fato de a Cecília ser o meu sol particular, a minha luz. Ambas, claro, idênticas no signo. Bingo! Além dessa mística toda, nós duas somos muito conectadas.

É bem comum eu pensar em algo e ela responder àquilo como se eu tivesse verbalizado. É normal ela perguntar se está tudo bem comigo em um dia ruim. Se eu estou triste, dizer que nunca quer ficar longe de mim, dizer que eu fico linda de vestido. Lembrando: ela recém fez 3 anos.

O espiritismo diz que são os filhos que escolhem os pais. Muito antes de eles nascerem, eles nos elegem para uma missão bem maior. Eu acredito que eles buscam em nós algo muito precioso que temos e muitas vezes nem sabemos. Sinto-me honrada por ter sido escolhida pela Cecília, pelo tanto que já aprendemos uma com a outra e por uma vida toda de cumplicidade e construção que nos aguarda.

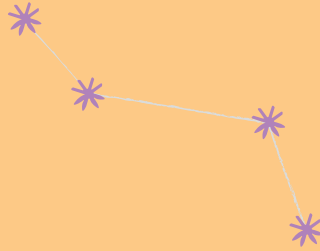
Ah! Uma vida de piadas e risadas também. Afinal, nenhum sagitariano que se preze aguenta muito tempo sem uma piadinha, por mais idiota que ela seja.



Cecília abriu um armário onde guardo várias coisas antigas. Pegou um chapéu na mão, toda feliz.

-Mãe, com esse chapéu que o Nono Pedro foi me ver lá na escola!

Nono Pedro é meu pai, falecido 4 anos antes da Ceci nascer.



BANHO DE CHUVA

Quando o médico
recomenda felicidade.



Fazia muito calor naquele sábado. Tinha previsão de chuva e eu prometi para a Ceci que, se ela comesse todo o prato de feijão com arroz do almoço, ela poderia tomar banho de chuva. Pronto! Para que fui prometer? Comeu duas pratadas de comida e não parou um segundo de me importunar.

Eu estava tentando tirar um cochilo depois do almoço e a Ceci, na maior ansiedade, não colaborou. Ficava subindo em cima de mim, acendia e apagava a luz, puxava o meu pé, queria minha atenção de todo jeito. Ai, Senhor! Mãe é um ser que vai para o céu sem escalas. Suspeito até que seja necessário amarrar uma pedrinha no pé para não passar do céu quando morrer.

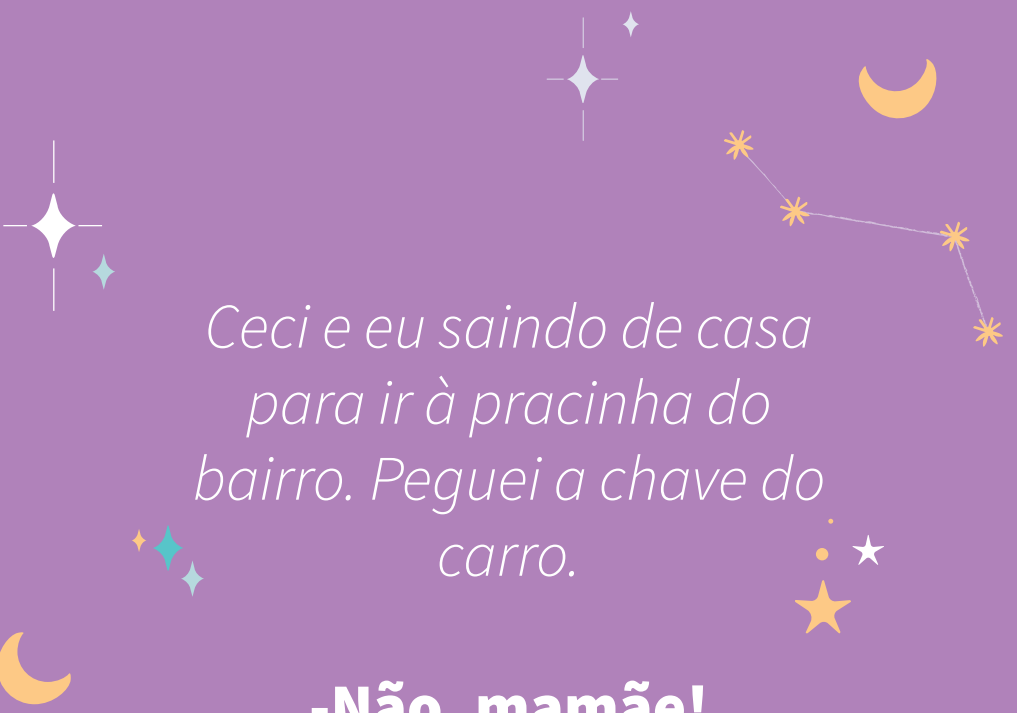
Até que ouvi o barulho dos pingos de chuva e levantei. Ela já estava hipnotizada olhando para fora, só esperando meu aval para se molhar. Dei um OK com o olhar e ela disparou.

Durante a semana eu havia levado a Cecília ao pediatra para uma consulta de rotina. Saí de lá aliviada por estar tudo em ordem, mas com uma recomendação bem especial: deixar a Ceci se sujar! Ela é bem branquinha, moramos em apartamento e, às vezes, o contato com a natureza fica um pouco limitado. Ainda bem que tem a casa da Vovó Leoni!

Cecília se lançou para fora de casa, correndo e gargalhando em direção ao gramado, sob uma chuva torrencial de verão. Eu estava cumprindo ordens médicas e me sentia feliz por isso também, especialmente quando essa recomendação é tão gostosa de atender. Para minha surpresa, minha mãe observava tudo de pertinho.

Alguns segundos e ela me diz: "Quem precisa de banho de chuva é você! Está muito estressada. Vai!" Rsrtrs. Quem sou eu para discordar da minha mãe, né?! Aproveitei o estímulo e pulei nas poças feito a Peppa Pig. Tanto que até esqueci de tirar uma foto.

Nesse mesmo dia a Cecília escapou no mínimo umas três vezes para o barro. Três trocas de roupa que provavelmente irão direto para o lixo. Ah! Teve banho de mangueira para fechar a tarde. À noite deitamos no chão e contamos as estrelas. Acho que esse banho de chuva fez bem para nossa alma!




*Ceci e eu saindo de casa
para ir à pracinha do
bairro. Peguei a chave do
carro.*

**-Não, mamãe!
Vamos a pé.**




**-Mas é longe, Cecília.
Você vai cansar.**

**-Eu não vou cansar
nada porque eu vou no
teu colo.**





CECI PARTIU... PARTIU FÉRIAS!



Nem precisa dizer que meu
coração partiu também :(

O pai da Cecília e eu somos separados. Esta é a primeira vez que ela vai passar férias na casa dele, no litoral. É a primeira vez em toda a nossa vida de mãe e filha (alerta de drama) que ficaremos distante uma da outra por longínquos dez dias.

Na semana que antecedeu a viagem, Ceci estava ansiosa. Todo mundo na escola já sabia que ela iria viajar. Sempre que tinha oportunidade, repetia isso para as pessoas. Podia ser um estranho. “Sabia que eu vou viajar de avião pra casa do meu pai?” Foi a frase que mais ouvi ela pronunciar.

Quando comecei a organizar a mala, o nervosismo aumentou. Cecília dava duas voltas na casa e vinha conferir se não estava faltando nada. Quis abrir todos os pacotes, frasqueiras e compartimentos da mala para checagem. No dia do embarque, três horas antes do voo já estávamos no aeroporto, mesmo a empresa aérea recomendando que uma hora de antecedência já seria suficiente.

A Ceci já viajou de avião, mas nas outras vezes ela era menorzinha e talvez nem tenha se dado conta do que estava acontecendo. Creio que uma mistura de saudades do pai com entusiasmo para conhecer o mar e aproveitar as férias turbinou a emoção. Durante a viagem ela quis ficar olhando pela janela.

Algumas vezes dizia para a ovelha de pelúcia, sua companheira, que não precisava ter medo porque o avião não ia cair.

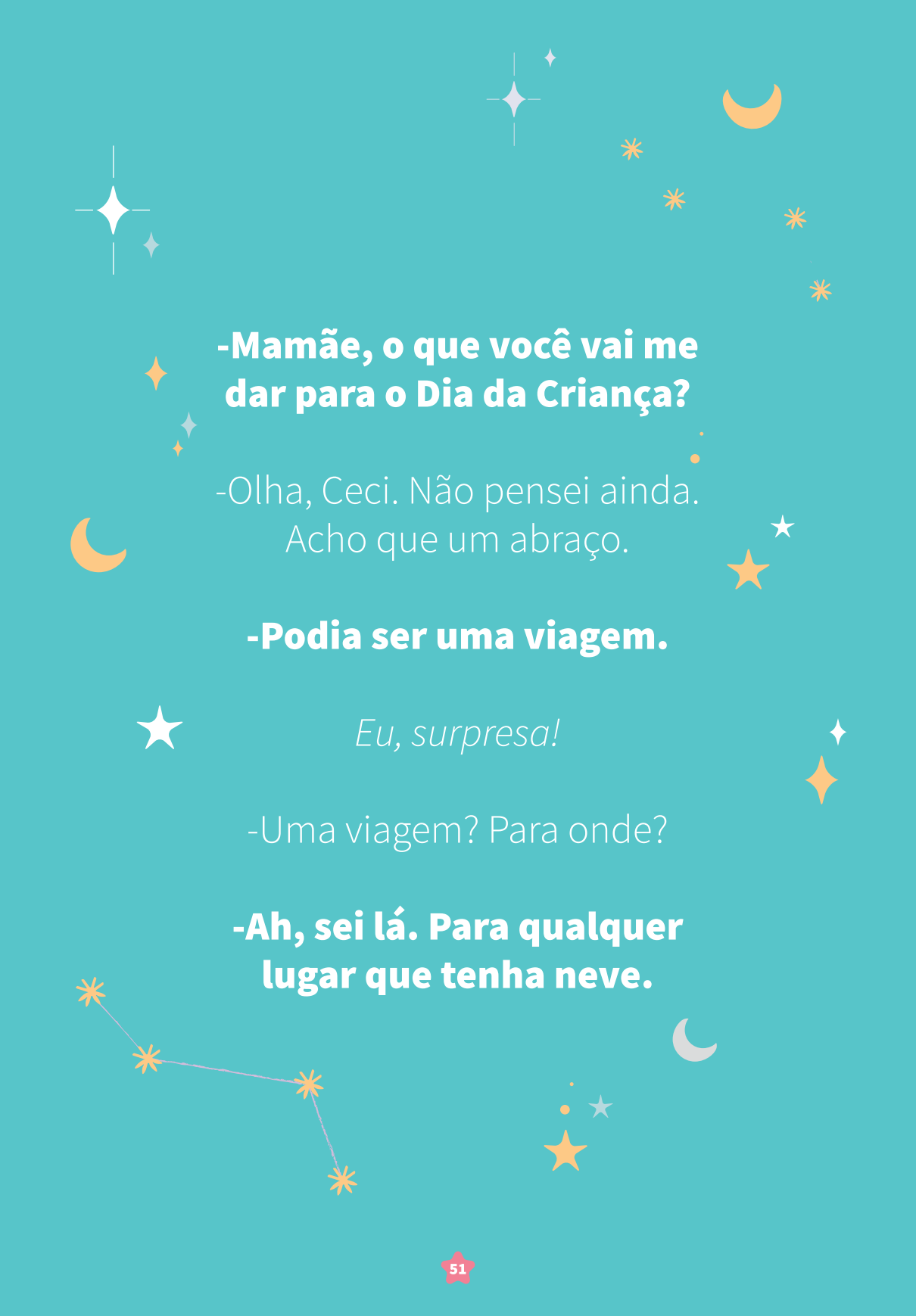
Em vários momentos eu me segurei para não chorar. Às vezes uma lágrima insistia em cair e eu dava uma disfarçadinha espirrando bem alto: “é gripe”, justificava para quem estivesse perto.

“Como assim, a Cecília vai conseguir ficar longe de mim?” Meu instinto materno falando. “Ela está feliz e isso me conforta”. Era a razão pedindo espaço. Confesso que deixar ela lá e voltar sozinha para casa foi bem difícil. Dor parecida só senti quando arranquei a unha do dedão jogando futebol no campinho de terra da minha escola, mas isso foi há muito tempo.

Mãe é um bicho complicado mesmo. O que a gente mais quer é ver o filho crescer, ser independente, virar-se sozinho. Mas quando eles não precisam mais da gente, a dor é maior que pedra no rim. Fica um buraco. Lembro bem do dia em que a Ceci quis se vestir sozinha pela primeira vez. Ela só tinha dois anos. Doe, sabe? (Ok, ok... Já sei o assunto da minha próxima sessão de terapia).

Eu já li muito sobre isso e sei a importância de a Cecília e o pai ficarem uns dias juntos, só eles. Todos iremos ganhar. Mas antes de ganhar, a gente perde. E ninguém gosta de perder. A cada meia hora eu recebo fotos da Cecília se divertindo horrores. Sei que ela está bem.

Enquanto isso, aqui no velho Oeste estou sendo encorajada por amigos e colegas a pensar em mim nesses dez dias, o que não parece má ideia. Mas enquanto eu reflito sobre isso, dá licença que vou ali dar uma choradinha e já volto.



-Mamãe, o que você vai me dar para o Dia da Criança?

-Olha, Ceci. Não pensei ainda. Acho que um abraço.

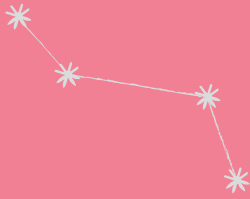
-Podia ser uma viagem.



Eu, surpresa!

-Uma viagem? Para onde?

-Ah, sei lá. Para qualquer lugar que tenha neve.



DE VOLTA PARA CASA

Foram 10 dias longe de mim,
mas se perguntar para o meu
coração, passaram-se 12 anos.



Como a Ceci cresceu! Cabelo maior, pele bronzeada, está falando palavras novas, as unhas estão maiores. Ficar longe de quem a gente ama não é tarefa fácil. Exige exercício de desapego e até uma certa elevação espiritual. Ainda mais sabendo que esse distanciamento é necessário para o crescimento de todos.

A Cecília amou conhecer a praia. Estava em êxtase e isso me acalmava aqui, a quase 600 km de distância. O pai dela enviava fotos e vídeos a todo momento. Eu fiquei convencida de que essas férias realmente estavam sendo especiais. Praia, piscina, passeios, primos, bagunça.

Nesses dias eu rezei bastante para aliviar a angústia do distanciamento. Não queria que meu sentimento a afetasse. Chorei escondido algumas vezes, confesso. A parte mais difícil foi ela não querer falar comigo em várias ocasiões pela chamada de vídeo.

Senti como uma defesa, uma forma de se proteger. Algo do tipo: “Estou com saudades e não quero falar contigo para não piorar”. Claro que essa foi a minha interpretação. Pode ter sido também: “Mamãe, dá um tempo”.

Enfim, de volta para casa, a Ceci estava com saudades de tudo. Grudou em mim e quis brincar com todos os brinquedos, até aqueles mais esquecidos. Pulou na cama, andou de balanço, viu TV, desenhou, pintou, revirou gavetas, etc.

Estou convencida de que casa arrumada não significa felicidade. Eu que adoro tudo organizado, não poderia estar mais feliz com as coisas de pernas para o ar. Bagunça é vida! Cecília, obrigada por me fazer uma pessoa melhor.



-Quem fez isso, Dona Cecília?




-Fui eu, mamãe!

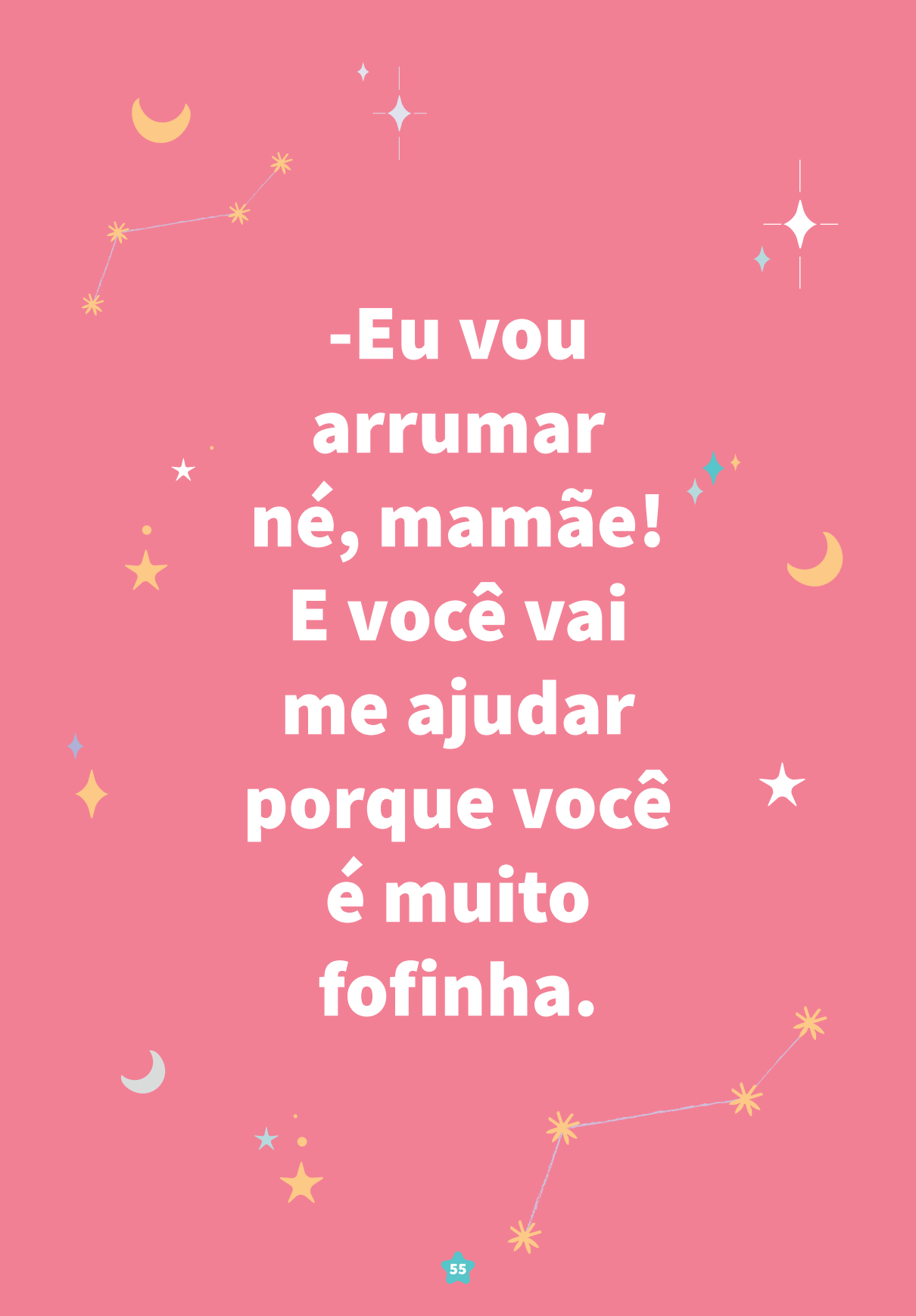
-E quem vai arrumar isso daqui?



-Você!



-Oiiiiii? Acho que você não entendeu. Quem vai arrumar isso tudo aqui?



**-Eu vou
arrumar
né, mamãe!
E você vai
me ajudar
porque você
é muito
fofinha.**




NA

COZINHA

COM A

CECÍLIA



Em casa de família italiana
os momentos mais bonitos
acontecem nesse espaço da casa.

Fazia muito calor naquele sábado. Começou o ano letivo e no segundo dia de aula a Cecília me fez um pedido especial: queria fazer um bolo de cenoura para levar para os colegas da turma. Fechado! Já fomos à cozinha e ela, como sempre, ficou a postos para misturar os ingredientes, enquanto eu batia a cenoura, os ovos e o óleo no liquidificador. Suas mãozinhas pequenas deram um jeito de misturar tudo aquilo, ao mesmo tempo em que a boca perguntava todos os porquês possíveis.


Sentada em uma banquetta alta ou de pé em um banquinho de madeira que guardo na lavanderia, é interessante como ela se concentra quando está me ajudando a cozinhar. Pode ser algo simples como um omelete ou algo que exige mais tempo e habilidade, como um pão de milho. Ela pergunta para que serve cada coisinha.

Mas o que mais me encanta é ver a vovó Leoni, minha mãe, ensinando a Ceci a participar da vida culinária da família: já saiu desde cueca-virada (que alguns chamam de grostoli), passando por massa de pão, de pastel, bolacha pintada e bolo de chocolate. Não importa o prato: sempre tem uma tarefa para neta.


E a Cecília leva a sério, prestando atenção em cada detalhe da explicação da vó. Depois, orgulhosas, elas chamam todo mundo para experimentar. Tenho uma forte suspeita de que cozinhar é um meio de estreitar os afetos e um jeito de dividir o que se sabe.

Na cozinha se aprende a contar, aprende-se a medir, reduzir, multiplicar. Ingredientes soltos viram delícias para o almoço de domingo e se transformam em bolos de aniversário. Com um convite para cozinhar conseguimos tirar as crianças da frente da televisão, do tablet e do celular. É na cozinha, ainda, que se aprendem lições como paciência, respeito e amizade.

É da mesa da cozinha que guardo as melhores lembranças da minha infância. Espero que seja assim com a minha pequena também. Que ela aprenda, desde cedo, que o tempo que dedicamos ao outro é pura doação. Um ato de amor.



*No almoço a Ceci pediu carne.
Eu me servi de alface e tentei
convencê-la a comer salada
também.*



-Essa alface está muito gostosa,
Ceci. Macia, verdinha. Você quer?


-Não, mãe. Obrigada!




(Depois de alguns segundos...)




**-Que bom que você gosta de
uma coisa e eu gosto de outra!
A gente nunca vai brigar, né,
mamãe?!**





QUANDO A TEORIA NÃO FUNCIONA



Confesso que até certa idade eu tinha a ilusão de que iria criar minha filha tendo controle total sobre suas ações.



Controle sobre as coisas que ela iria fazer, comer, vestir, falar e, principalmente, sobre a cultura que ela iria consumir. Isso até chegar a adolescência, imaginava eu, depois seria mais difícil. Do auge do meu empoderamento feminino, dizia para todo mundo que a minha filha não iria consumir as princesas da Disney, as fadas, as malvadas. Não iria se deixar levar por festas infantis com temáticas da Frozen, da Moana, da Peppa Pig.

Sempre achei que isso fosse uma espécie de “comportamento de manada”, quando uma força maior arrasta todas as pessoas para a mesma direção e elas nem percebem suas escolhas. É automático. Sobre as crianças que se jogavam no chão no supermercado eu até preservava uma certa compaixão pelos pais. Mas lá no fundo, sempre rolava um certo julgamentozinho, do tipo: “mas que maria-mole esse pai, a criança faz o que quer!” Eu era uma ótima mãe... até a Cecília nascer.

Não tenho o hábito de ouvir música sertaneja em casa ou no carro, mas um belo dia a Cecília começou a cantar “Dona Maria, deixa eu namorar a sua filha, vai me desculpando...” (não lembro o resto, não importa). Esta música é um som sertanejo atual, e eu fiquei muito cismada para descobrir como isso tinha acontecido. Em casa ela não aprendeu. O filme “Uma aventura congelante” também nunca tinha rodado aqui em casa. Nunca, nunquinha. Até que um dia a Cecília chegou da escola cantando “Let it go, let it go... não posso mais segurar...” Como pode isso?

Nesta semana ela me pediu uma boneca da LOL. Nem eu sabia pronunciar. Falei que não e perguntei por que ela queria isso. Ela disse que a Livia (uma colega da escola, muito querida, aliás) tinha ganhado de presente. Eis que paro para pensar sobre o conjunto dos fatos... horas e horas de reflexão e nada! Não cheguei à nenhuma conclusão. Talvez eu leve para a terapia. Lembrando agora, uma vez eu, num dia de folga, lavei os calçados da Cecília e coloquei todos enfileirados para secar. Com o que me deparo? Váááários chinelos de personagens (WTF?).

Dois pares eram presentes de aniversário, um era do Natal, o outro a prima mais velha emprestou. E eu me dou conta de que a gente não controla a totalidade da vida dos filhos. Não, Juliana! A gente não tem controle absoluto sobre eles. Acorda!

Vivemos em sociedade e o nosso grupo influencia (SIM!) os nossos gostos, consumos e pensamentos. No aniversário de um ano da Cecília fizemos um piquenique. Foi lindo! Aos dois anos foi uma festa de unicórnio. Aos três, um bolo da Frozen (e ela estava muito feliz). Para o aniversário de quatro anos ela quer uma festa da Sky, personagem da Patrulha Canina. Percebe, fui perdendo o controle...

Eu confesso que está bem difícil “proteger” a minha Cecília. Talvez conversando bastante com ela, acompanhando de perto seu crescimento e ensinando as coisas legais e as não legais da vida, ajudando a fazer leituras dos fatos, a minha garotinha consiga fazer boas escolhas. É... aquela “bolha” não existe.

Enquanto isso a Cecília está me convencendo a fazer uma festa da Moana para os meus 39. Alguém arrisca um conselho?

-Mamãe, o que é hippie?

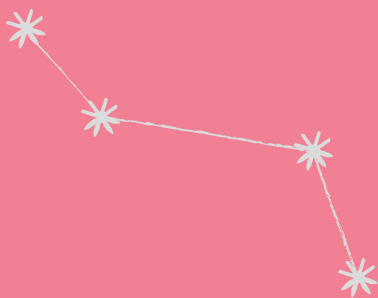
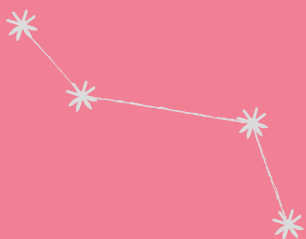
Eu não sabia direito como explicar isto para uma criança de 3 anos.

-Bom, é um jeito de viver a vida. É usar roupas coloridas, cabelo grande e solto, gostar de música, por aí.

-Eu quero ser hippie, tá bom? Mas acho que quando eu crescer mais pouquinho.

NOS MÍNIMOS DETALHES

Observadora e detalhista: assim é a Cecília.



Outro dia fomos abastecer o carro, eu e ela. Era um sábado de manhã. Eu estava com uma roupa confortável, uma camiseta da seleção de rugby da Irlanda e um tênis. A camiseta era verde, como a da Chapecoense. No posto, os frentistas vestiam camisetas verdes também, na mesma tonalidade. Eu não havia reparado nisso até então. A Cecília ficou no carro enquanto eu fui ao caixa pagar a conta. Na volta, ela me olhou com um ar curioso e perguntou: - Mamãe, é aqui que você trabalha? Minha reação foi imediata: - Oi, Cecília? O que você disse? Ela seguiu: - É aqui que você trabalha, mamãe? Porque a camiseta de vocês é igual!

Eu e a Cecília moramos no primeiro andar de um prédio. Todos os dias, quando chegamos em casa no fim da tarde, ela repara se os tapetes na frente das portas estão colocados no lugar certo. Temos uma faxineira que limpa o prédio, e, eventualmente, ela inverte os tapetinhos. Mas a Ceci é fiscal. Se ela repara que alguma coisa está fora do lugar, imediatamente corre para colocar tudo de volta, como que por instinto. Até parece uma virginiana, perfeccionista. Mas não, é sagitariana mesmo! Enquanto isso, eu nem percebi que havia tapetes no prédio!

Na escola é a mesma coisa. Ao longo dos corredores onde a Ceci estuda há tapetes espalhados pelo chão. Quando há trocas ou algum é retirado para lavar, ela imediatamente percebe e pergunta: - Cadê o tapete que estava aqui? Ou então: - Esse tapete é diferente! Exclama admirada.

Nossa rotina é assim: todos os dias eu acordo, faço um mamã para a Ceci e vou me arrumar enquanto ela toma seu leite e se espreguiça na cama. Em alguns momentos, percebo ela me observando. Não raras vezes ela pede para que eu me vire para ela, para que ela possa dizer como eu estou. E geralmente a notícia é boa: - Mamãe, você está maravilhosa! Mamãe, você é linda, eu te amo, e por aí vai. Se eu pinto a unha, bingo! Na hora ela nota. Fala sobre a cor, se tem brilho ou não, etc. Teve um dia que eu não estava muito animada e me vesti com roupa preta. Black total, da cabeça aos pés. Foi a única vez em que a Cecília disse que eu não estava bonita. - Não tem colorido, mamãe! Justificou ela. Talvez estivesse lendo minha alma. Se eu faço qualquer mudança dentro de casa, ela percebe. Outro dia implicou porque um vasilho que fica na entrada do apartamento não é “de flor de verdade”.

Ela queria que fosse, e não conseguia entender isso. Com frequência me pede para dar água para as plantas da sacada. Ela percebe quando estão murchas, ou quando a mamãe esqueceu delas por um tempo, em meio as loucuras da vida adulta. A lua é sempre observada pela Ceci: plateia garantida. As estrelas, o sol, a falta do sol, a chuva. O arco-íris, então! Os calçados que vai usar, a roupa para ir à escola, o cabelo com duas tranças ou uma trança inteira, a manchinha no uniforme: tudo isso é motivo para que ela se importe. E questione, observe. E pergunte por quê?

Às vezes eu respondo, às vezes eu não sei responder. Às vezes eu me calo. Às vezes eu abraço. Às vezes só digo que amo. Eu sou mãe! Sou cheia de dúvidas, e algumas culpas.



**-Mãe, o teu carro
tem guincho?**

Eu, surpresa:


-Não tem, Ceci.
Mas por quê?

**-Ah, sei lá. Era
importante ter. Vai que
um dia precise.**



IGUALZINHA A MIM!

E aí você se dá
conta de que sua
filha é a sua cara:
mesmas manias,
defeitos e trejeitos.




Quando eu era pequena, adorava cortar os cabelos das minhas bonecas. Cabelo comprido, na minha mão, era vendaval. Pegava a tesoura emprestada da mãe e alinhava todas elas, como quem espera no salão de beleza para ser atendido. Na minha imaginação, os cabelos iriam crescer novamente, assim como acontece com as pessoas. E, já que vão crescer, por que não experimentar um corte novo? Uma repaginada? Sem dó eu passava a tesoura valendo!

Até já havia esquecido desse fato da minha infância; dias atrás dia foi minha mãe quem lembrou. Hoje eu estava fazendo almoço e a Cecília estava quieta demais. Se você é mãe já arrepiou junto comigo, não é mesmo? Silêncio é sempre prenúncio de uma bela bagunça. Pois bem, cheguei na área de serviço e a Ceci estava fazendo o quê? Passando a tesoura no cabelo das bonecas! E falava para elas: “Fica tranquila que vai ficar lindo, muito lindo”.


Em várias coisas somos bem parecidas. Fisicamente, as bochechas entregam. Tanto eu quanto ela acordamos animadas pela manhã, gostamos de ouvir música, principalmente no carro. A Ceci é sorridente e tem olhos ligeiros. Quando eu quero que ela faça algo, preciso convencê-la. Se eu forçar, a guerra está declarada. E haja saliva!

Eu estou na fase final do mestrado e tenho me ausentado em vários momentos para escrever a dissertação. Sempre explico para a Cecília o que está acontecendo e ela parece entender. Outro dia flagrei-a dizendo para a amiguinha que a “mamãe está lá dentro estudando, por isso não está aqui brincando comigo”, argumentava, como quem explica pra si mesma. Bem ou mal, entre presenças e ausências necessárias, a Ceci me pediu um livro de presente. Quase chorei de emoção. Logo depois disse que queria ser professora de adulto. É aquela história: se a palavra influencia, o exemplo arrasta.

Mas eu falo de coisas bem mais sutis. Aquela olhada de deboche, uma reação inesperada que você para e pensa: “iguá-zinha a mim”. Ou então, aquela birra do filho que não tem como vencer e você precisa admitir que você é exatamente assim também. Às vezes eu me escondo para rir de algo que a Ceci faz porque me vejo nela. Talvez seja por isso que ficamos melhores depois que eles nascem. A gente se lapida, evolui. O fato é que eles são nosso melhor espelho. Que sonho seria se espelhassem só a parte boa!




Durante uma viagem, eu dirigindo e a Ceci sentada na cadeirinha no banco de trás.



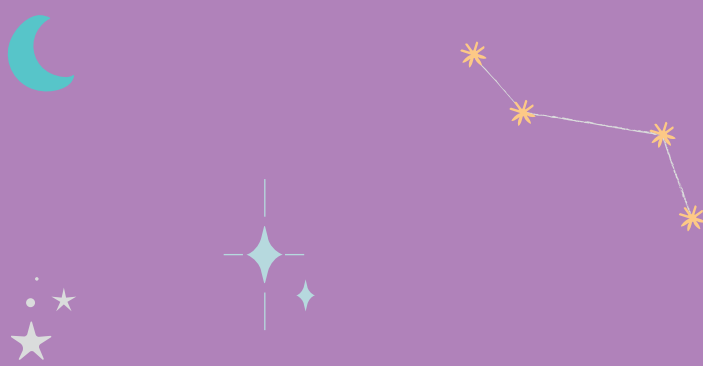
-Mãe, quando a gente chegar em casa você me empresta um sutiã?





-Sim, meu amor. Mas o que você vai fazer com um sutiã?




-Vou vestir ele e depois dirigir esse carro.



MATERNIDADE E CULPA: ✨ PRECISAMOS FALAR!



Nasce um filho, nasce
uma mãe, nasce outro
sentimento além do amor.



Lembro bem daquele sábado de manhã. Deixei a Cecília com a vó e saí para comprar roupas para mim. Eu não tinha mais nada que servisse. E não é papo de quem está com o guarda-roupa lotado e não gosta de nada. Eu realmente não tinha mais roupas: ou eram pequenas ou estavam muito velhas. Tudo que havia entrado em casa nos últimos meses tinha sido para a Ceci. Eu simplesmente não enxergava nada na minha frente que não fossem roupas de criança.

A Cecília tinha quase dois anos e, naquele sábado, eu fiz um esforço grande para deixar a Juli mãe um pouco de lado. Cheguei a separar algumas peças infantis na loja, por impulso, mas depois devolvi. Eu estava fazendo o exercício de olhar para mim de novo, depois de 24 meses, sem carregar uma profunda e dolorosa culpa. Era como se eu fosse uma mãe ingrata por se preocupar comigo por alguns instantes, uma mãe desnaturada, como dizem. Ao sair do shopping, com algumas sacolas, lembro de ter entrado no carro e chorado, copiosamente. Deixei verter. Chorei, depois ergui a cabeça e segui.

Todas as vezes em que a Cecília teve assaduras, quando bebê, eu me culpei. Era de imediato, algo irracional. Perguntava-me: mas o que eu fiz de errado? Será que não limpei direito na última troca de fralda? Será que apertei demais a roupa? Será? Será? Será?

Teve uma vez em que eu e a Ceci brincávamos no sofá e, em uma fração de segundo, enquanto tagarelava para lá e para cá, ela errou o pé e caiu de costas no piso. Foi feio. Bateu a cabeça forte, teve parada respiratório e convulsão. Eu morri junto. Não vou me alongar nisso porque prefiro não lembrar que esse dia existiu. A Cecília, graças a Deus, não teve nenhuma sequela. Só um grande susto. Mas adivinha? A “culpa” foi minha. Ninguém me disse isso, mas eu pensava até ontem que havia sido por minha causa, por um descuido meu, uma negligência. Depois aprendi que certas coisas realmente fogem do nosso controle, mesmo debaixo dos nossos olhos.

Culpa também senti por deixar ela comer brigadeiro, chocolate, ovo de páscoa. Eu não costumo comprar doces no supermercado, mas a Cecília frequenta festas infantis, visita parentes, tem amigos. A gente não consegue ter 100% de controle sobre eles. Quando a Ceci fez cocô duro pela primeira vez e sangrou um pouco, eu fiquei arrasada! Como assim? Que mãe eu estou sendo que não cuidei direito da alimentação dela? Como deixei isso acontecer?

Na fase mais difícil do mestrado eu precisei me ausentar em vários fins de semana. Sorte a minha ter uma família tão presente e amorosa. Não faltaram tios, primas, avó para ajudar a cuidar da pequena. Mas teve um dia em que a Cecília passou a ter comportamentos agressivos na escola. Acreditei que fosse pela minha ausência, afinal, eu trabalhava e estudava direto! Associei com isso, foi automático. “Ela quer chamar a atenção, está carente”, pensei. Mas eu precisava terminar a dissertação. Recentemente, no final da escrita, a Ceci deitava debaixo da mesa em que eu estudava, com um cobertor, e dormia agarrada às minhas pernas. Foi duro.

Já ouvi amigas que se sentem culpadas por chegarem em casa no fim do dia e não terem vontade de brincar com o filho ou a filha. Seja pelo cansaço, seja pela falta de jeito mesmo. Vamos combinar: não é todo mundo que tem habilidades lúdicas. É preciso

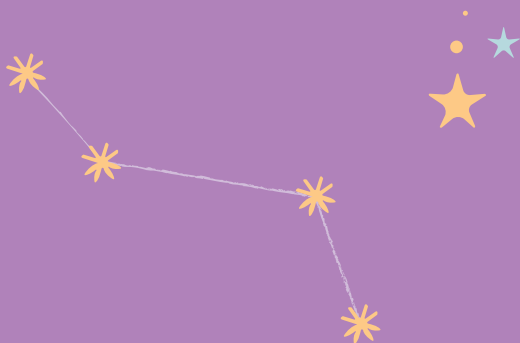
entrar no mundo deles para as coisas fazerem sentido. Com a cabeça cheia de preocupações não se consegue.

Outro dia uma colega de trabalho, mãe de uma garotinha de 2 anos, contava-me que não pensava em ter mais filhos. Ela falava baixinho, como se alguém pudesse reprimi-la: “eu não me recuperei ainda. Foram dois anos praticamente sem dormir, acordando quinze, vinte vezes durante a noite”, confessou. Com um detalhe: trabalhando 40 horas por dia. Haja mãe!

Definitivamente, a ideia deste texto não é desanimar ninguém. Gerar um serzinho, parir e criar uma criança, mesmo com todas as culpas e medos inerentes à maternidade, é um milagre da vida! Ensinar uma criança a andar, a falar, a fazer as leituras do mundo sob a nossa perspectiva, é simplesmente mágico.

Talvez, o que a gente precise mesmo é de acolhimento. Precisamos falar e ouvir falar mais sobre os monstros que moram aqui dentro, sem julgamentos. Falar e ouvir mais sobre o lado não-romântico, não-contado da maternidade, apenas para que possamos nos sentir normais.

Compreendi, ao longo desses três anos da Ceci, que estamos fazendo o melhor que podemos neste momento, com a condição que temos, com o tempo que dispomos, diante de todas as nossas limitações e virtudes. Nossas mães também fizeram o melhor que podiam no tempo e no espaço delas. E é assim mesmo, e está tudo bem ser assim. A gente sabe que deu nosso melhor, e os nossos filhos também sabem disso!

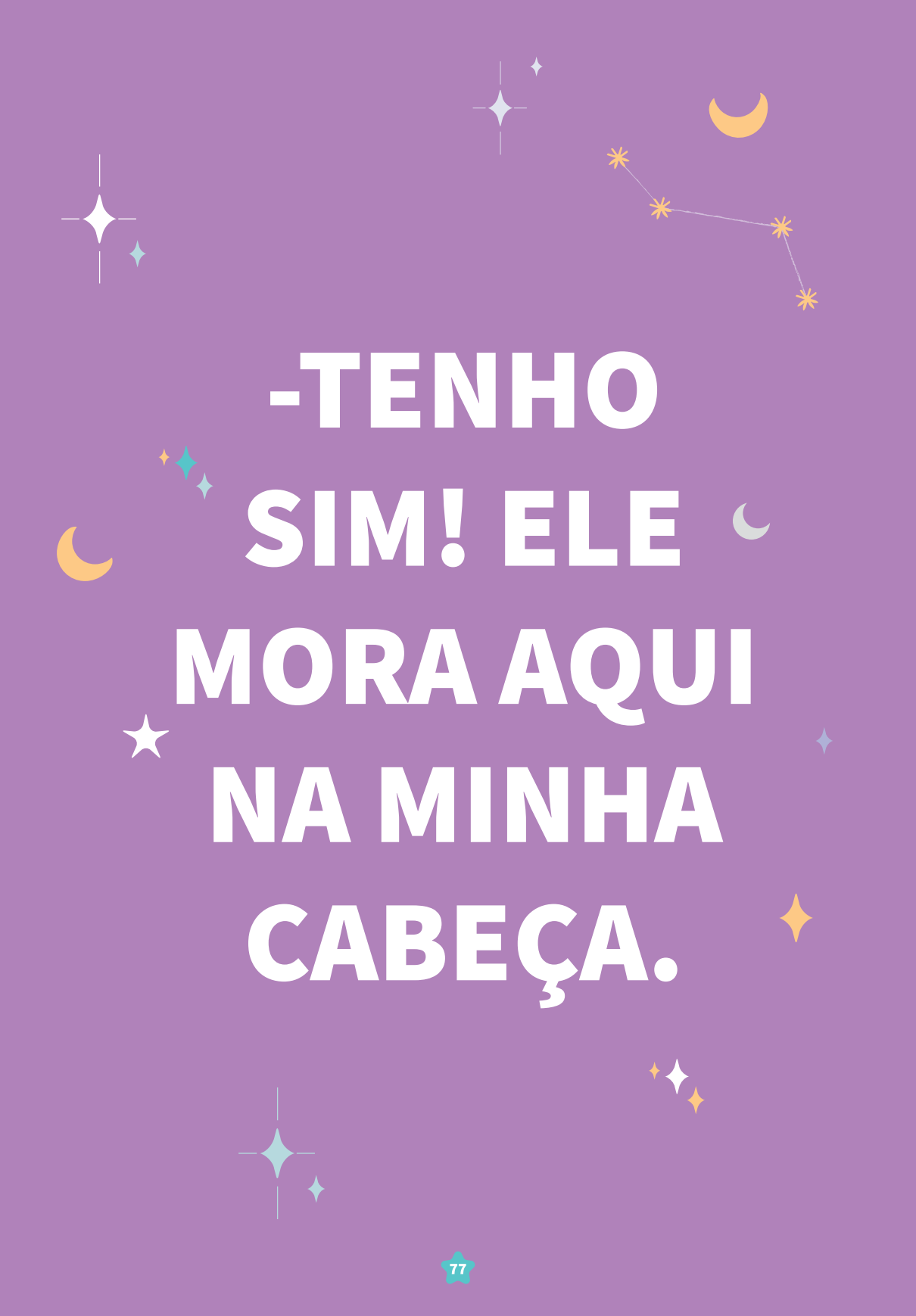


*No supermercado,
Ceci pegou um sachê
de comida para pet.*

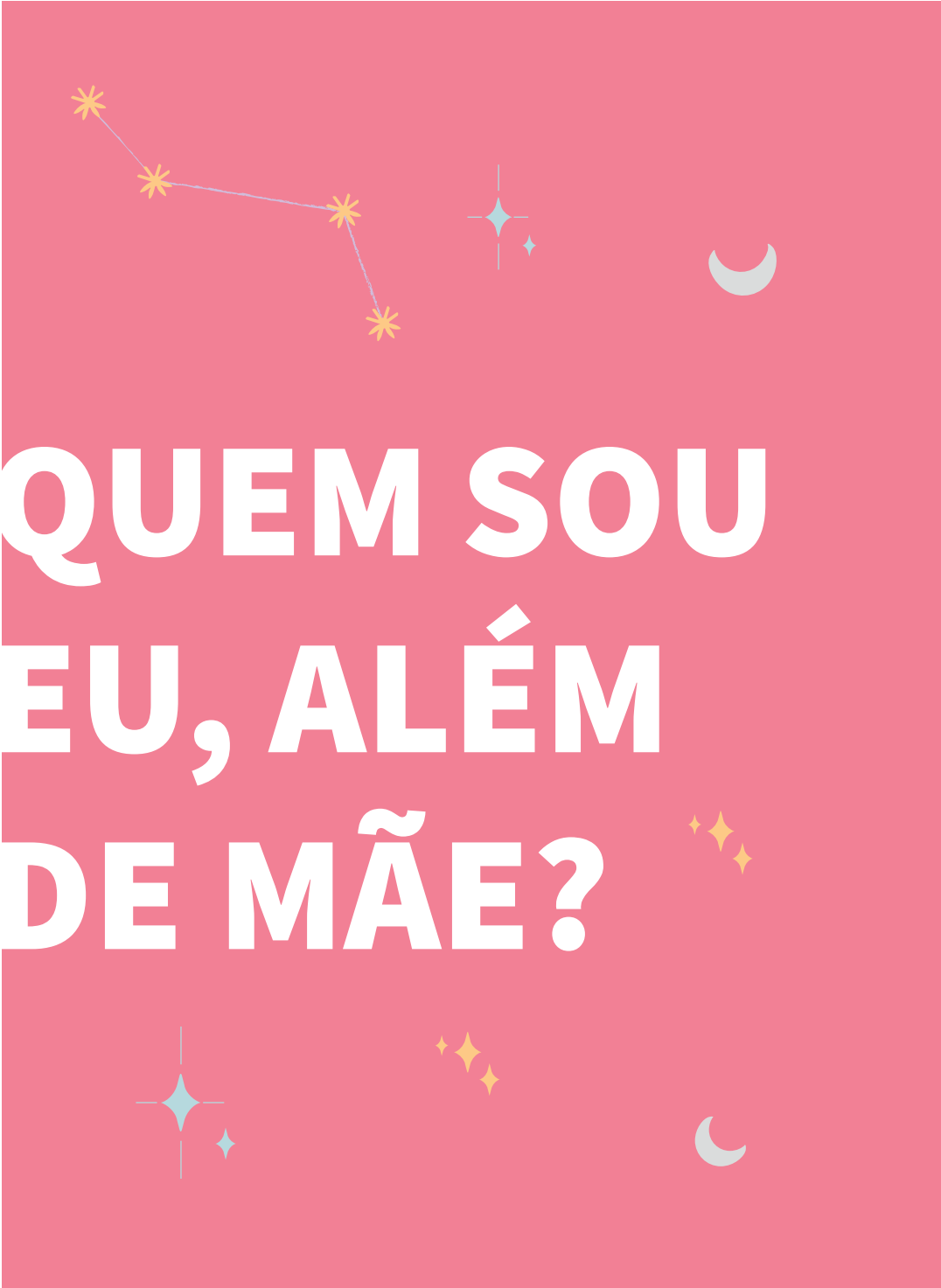
**-Mãe, meu
cachorro adora
isso!**

-Mas você nem tem
cachorro, Ceci!





**-TENHO
SIM! ELE
MORA AQUI
NA MINHA
CABEÇA.**



**QUEM SOU
EU, ALÉM
DE MÃE?**

Lembro tão bem do cheiro de leite na minha roupa, praticamente 24 horas por dia. Os sutiãs especiais para a amamentação, o pijama ou camisola que por várias vezes era só o que eu vestia. Alimentação controlada para evitar as cólicas, calcinhas da vovó, cinto para apertar a barriga, cabelo preso, sempre preso porque se estivesse solto atrapalhava para trocar fraldas, dar banho. Era mais prático prender. Banho demorado? Que luxo! Tinha ido pelo ralo.

Quando dava para lavar o cabelo... ufa! Tudo tinha que ser rapidinho pois não dava para deixar a Cecília sozinha. Se ela estivesse dormindo, poderia acordar a qualquer momento. Estado de alerta, tipo uma sentinela em vigília eterna. Com a amamentação da Cecília a cada duas horas, meu sono ficou bastante prejudicado. Experimenta dar um google e ver o que acontece com uma pessoa que é privada do sono, ou, quando o descanso não acontece de forma adequada.

Dá uma desregulada geral no metabolismo. A memória, a atenção, o humor, as funções hormonais, todo o corpo entra em sofrimento. O psicológico, então, nem se fala! Uma mulher, recém-mãe, sofre esse impacto. Sem dramas, isso é científico. O puerpério, para a medicina, dura de 45 a 60 dias, mas para a psicologia pode levar até dois anos! Os americanos chamam de baby blues essa tristeza do pós-parto que não chega a se caracterizar depressão. Tanto é fato que minha vida melhorou muito depois que a Ceci passou a dormir a noite toda. Mas isso foi lá perto de um aninho.

Minha família foi um suporte muito importante. Minha mãe, minha sogra (na época) ajudaram bastante nos primeiros dez dias. Depois eu tive que assumir a bronca e me virar sozinha com fraldas, banhos, mamadas. Apesar de não ter sido diagnosticada com depressão, precisei tomar antidepressivos. Não dei conta, e hoje não me culpo mais por isso.

A maternidade foi uma escolha consciente, um desejo meu e do meu companheiro na época. A gravidez foi muito tranquila, teve chá de fralda, fotos, tudo como manda o protocolo. O parto não foi natural como eu desejava, mas foi o melhor que pode ser feito naquela circunstância. Mesmo assim, o reencontro comigo mesma foi demorado para acontecer. Não que haja um tempo certo. Cada mulher tem o seu tempo. Mas o meu pareceu uma eternidade.

Após a licença-maternidade eu mudei de trabalho, minha ex-sogra faleceu, veio uma separação, uma filha para criar sozinha. Eu senti muito medo de não conseguir. Foi apavorante, acho que esse é o termo. Hoje vejo que não foi um desafio para iniciantes. Muito fácil surtar nessas condições e hoje entendo mulheres que surtam. Uma das formas de lidar foi me permitir enxergar um dia de cada vez. Bem clichê, mas ajudou. Não pensava no amanhã, daqui uma semana, um ano. Superava um dia por vez. E assim segui, muitas vezes no piloto automático.

Quando a Cecília estava com um ano e meio, senti que era hora de fazer algo por mim, de iniciar o processo de recuperação da minha identidade, de descobrir se eu ainda sabia fazer algo além de ser mãe, com todo amor e respeito a esse ofício.

Era como se lá, no fundo, eu precisasse provar para mim mesma que ainda era útil, ainda era capaz de estudar, de ser uma profissional respeitada. Olhei para os meus sonhos do passado e enxerguei um mestrado. Não tive dúvidas. Me inscrevi no processo de seleção, estudei pra caramba e entrei no curso. Foi lindo o dia em que coloquei uma mochila no ombro e calcei um all star velho que estava no fundo do roupeiro. Era o meu resgate.

Os quilos que ganhei na gravidez ainda carrego. Hoje com menos culpa. Só por escrever essa frase já me sinto mais leve. Não consegui administrar tudo e OK, está tudo bem não conseguir. Fiz terapia, ainda faço. Tive ajuda e compreensão da minha família, o que foi muito importante, desde o suporte emocional até os momentos em que

eles cuidavam da Ceci à noite e aos fins de semana para eu estudar. Há dois meses defendi minha dissertação. Fui a primeira da turma a defender. Não que eu quisesse ser a primeira, longe disso, eu só queria conseguir terminar. Me organizei tanto que funcionou.

Sigo na terapia e talvez eu nunca pare, mas os medicamentos antidepressivos eu reconheci que não precisava mais. Estou voltando a me ver, me perceber, sentir minhas emoções. Entendi que o melhor que posso dar à minha filha é a minha cura enquanto mãe, enquanto mulher. Resignifiquei muitas coisas e está sendo interessante esse processo de releitura, agora com menos dureza.

Essa história não tem absolutamente nada a ver com não amar a minha filha ou ter me arrependido de ter sido mãe. Muito pelo contrário. A Cecília está com quase quatro anos. É linda, inteligente, cada dia mais doce e forte. Temos uma profunda conexão. Sou privilegiada por ter acesso ao amor na sua forma mais refinada: o amor de uma mãe para um filho, e de um filho para uma mãe.



Me encorajei a fazer esse relato depois de ouvir várias amigas, conhecidas, colegas de trabalho comentando, sempre em voz baixa, o quanto a maternidade teve o seu lado cinza. Aí percebi que existe, de fato, uma dor velada nesse processo, uma vulnerabilidade emudecida culturalmente. Não é à toa que, em muitos países, mulher e bebê recebem cuidados extremos dos parentes e amigos nas semanas seguintes ao parto.

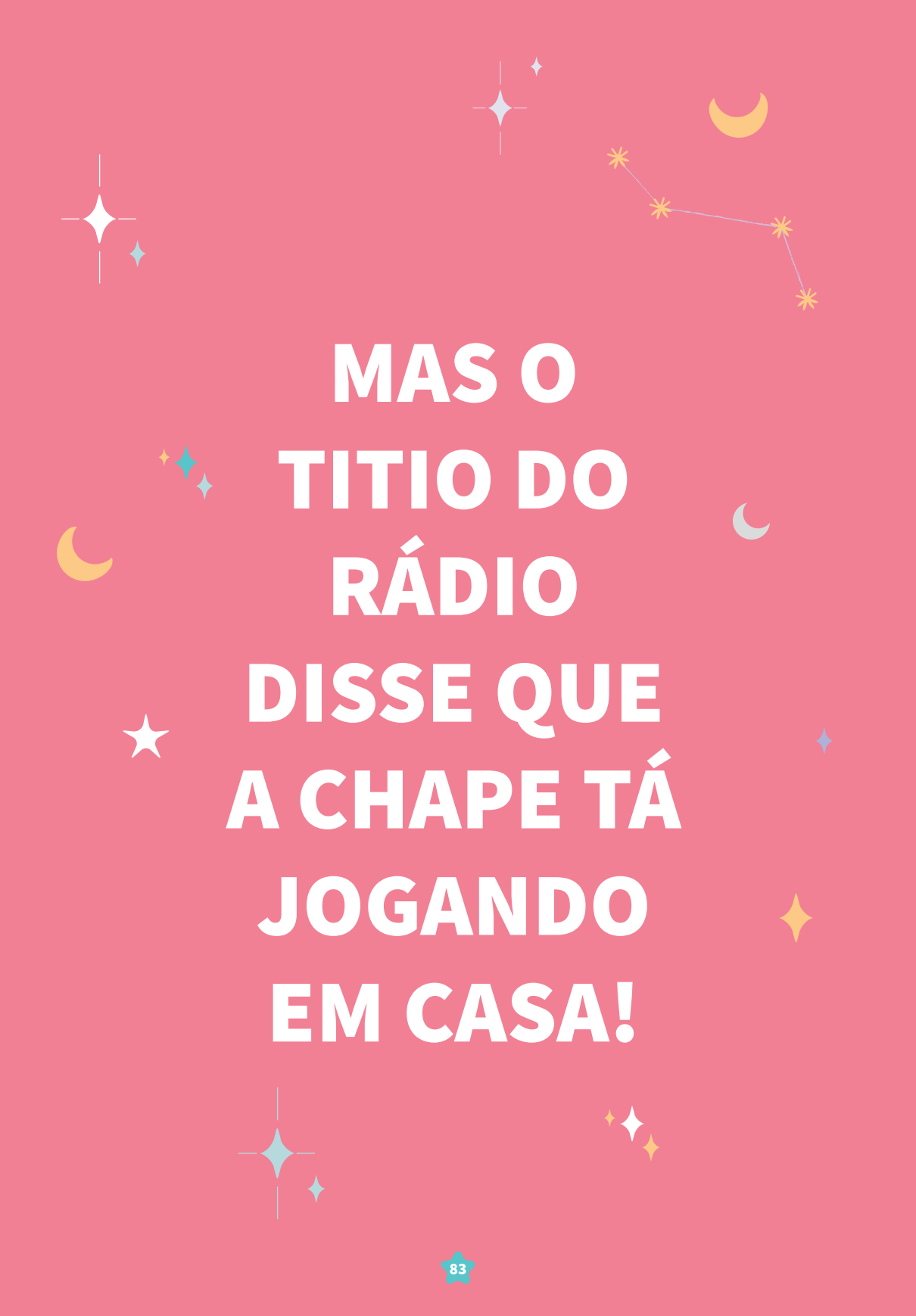
Nunca ouvi uma mãe manifestar arrependimento de ter tido filho. Ouvi relatos de dor, de solidão, de incompreensão, de falta de apoio do círculo familiar mais íntimo. Por isso afirmo que a maternidade pode ser bastante dura. O que salva é o amor, o amor de um filho, de um parceiro ou parceira. O que queremos (silenciosa e até inconscientemente) é acolhimento. Quanto mais a mulher for acolhida depois de parir, mais suave e menos nebuloso será o processo. O nosso reencontro segue, sem saudades de quem éramos antes. Aliás, essa é a pergunta: “quem eu era antes mesmo?”



Ceci estava indignada!

**-Mamãe,
você sempre
diz para eu
não jogar
bola na sala,**





**MAS O
TITIO DO
RÁDIO
DISSE QUE
A CHAPE TÁ
JOGANDO
EM CASA!**



CABEÇA NAS NUVENS



Sabe aquela situação em que você para, se dá conta que fez m***, senta e chora?



Era fim de ano, todo mundo de férias. Família reunida na casa da minha mãe no interior de Águas de Chapecó. Após as festas, o plano era passar uns dias na casa da minha irmã e do meu cunhado em Porto Alegre. Queríamos aproveitar ao máximo o tempo juntos e fazer uns programas bem família, já que nunca matamos a saudade.

No dia 02 de janeiro, de carro, fomos Cecília, minha mãe, eu, junto com minha irmã Carmem e meu cunhado Marcelo para a capital gaúcha. Ceci e eu voltaríamos de avião a Chapecó uns dias depois. Os demais seguiriam para outros destinos. Os dias foram tranquilos. Passeamos na Redenção, caminhamos pela orla do Guaíba e a Usina do Gasômetro, visitamos parques, museus, teve chimarrão, comilança e bagunça. Fui muito gostoso.

Dois dias antes de retornar a Chapecó, fui confirmar nos bilhetes o horário do voo para nossa cidade e separar os documentos. Documentos, muito bem, documentos meus, documentos da Ceci... Cadê os documentos da Cecília? Meu Jesus amado! Eu não estava com os documentos da Cecília!

Pânico, sensação de imobilidade, meu sangue desceu para as pernas, tive um semi-infarto. Como é que eu ia embarcar num avião com uma criança pequena sem NENHUM documento? Como uma mãe viaja sem nenhum documento do filho? Senta e chora, Juli. Mas chora meeeesmo.

Em choque, corri para a sala onde todos viam TV, riam e contavam histórias. contei o que houve. Eles riram da minha cara, no mesmo instante. Chorei mais um pouco e em seguida lavei o rosto. Precisava pensar no que fazer.

- E se eu for ao aeroporto e explicar a situação para a companhia aérea?

- E se eu disser pra Anac que eu estava com a cabeça cheia e me atrapalhei?

- Se eu não puder voltar para casa com a Ceci?

- E se a Polícia Federal achar que eu sequestrei a criança, que eu perdi a guarda e estou tentando fugir do país?

MEU DEUS! A saga começou.

Fui ao aeroporto, localizei o setor de administração, esperei ser atendida, expliquei toda a situação. A resposta foi: “Nesse caso não podemos estar fazendo nada, Senhora”. Me mandaram procurar a Anac. Na Anac, a atendente deu aquele sorriso só com a metade da boca, sabe? Como quem diz: “mas é uma idiota mesmo”. Ok, eu li o pensamento dela. E ela tinha razão. Me mandou procurar o Juizado de Menores, que fica no aeroporto Salgado Filho. Lá fui, morrendo de vergonha de contar a situação pela terceira vez e ser açoitada.

Bem. Ali eu levei a pastoral dos discursos de incompetência do meu papel de mãe. Não era para menos. A solução sugerida? Contratar um advogado e entrar com um pedido de liminar na justiça. A justiça solicitaria a um cartório uma segunda via da certidão de nascimento. Agradei as informações e saí. Sentei na escada do aeroporto e fiquei ali um tempo, contemplando o vazio.

Quando voltei para a casa da minha irmã, eles já tinham pla-

nejado trazer eu e a Ceci de carro de volta pra Chapecó, torcendo para não encontrar nenhuma blitz no caminho. Eu não queria, porque isso mataria o restante das férias deles. Mas ficou como uma carta na manga.

Fui para a opção Correio. Liguei para a Rosi, minha faxineira, para ela localizar a certidão de nascimento da Cecília na minha casa. Ela não achava. Sim, eu não só tinha esquecido de levar o documento na viagem, como também tinha o perdido dentro de casa. Vacilo nível hard. Liguei para o meu irmão, que mora em Chapecó, pedindo encarecidamente que fosse até o Cartório de Registros Civil e pedisse uma segunda via da certidão, afinal, as certidões são públicas.

Era dia 06 de janeiro. Todo mundo estava de férias. O Cartório também. Ele retornou lá no dia 07 e conseguiu o documento e postou no Correio. O Correio? Estava de férias, claro! Ele procurou uma empresa de ônibus que faz o trajeto Chapecó - Porto Alegre e conseguiu despachar o documento. Ufa! Na manhã em que a passagem de avião estava marcada, peguei o documento na empresa de ônibus em Porto Alegre. Aleluia! Resolvido!

À tarde fomos ao aeroporto, Cecília e eu, mãe e filha voltando para casa, tudo tranquilo como deveria ser. Só que a gente não conseguiu embarcar, pois o nosso voo havia sido cancelado. Mas essa é a outra história. Só preciso contar ainda como a Cecília ficou fofa na sua primeira foto 3X4 para o documento de identidade, que foi feito tão logo pisamos em Chapecó. No fim das contas, considerando meu momento de vida e todo o atrapalho que consegui fazer, eu só pensava uma coisa: ainda bem que não perdi a criança! Vida que segue.



*Eu tomando uma taça de vinho e a
Ceci, observando, pergunta:*



- O que é isso, mamãe?!

- É vinho, meu amor!

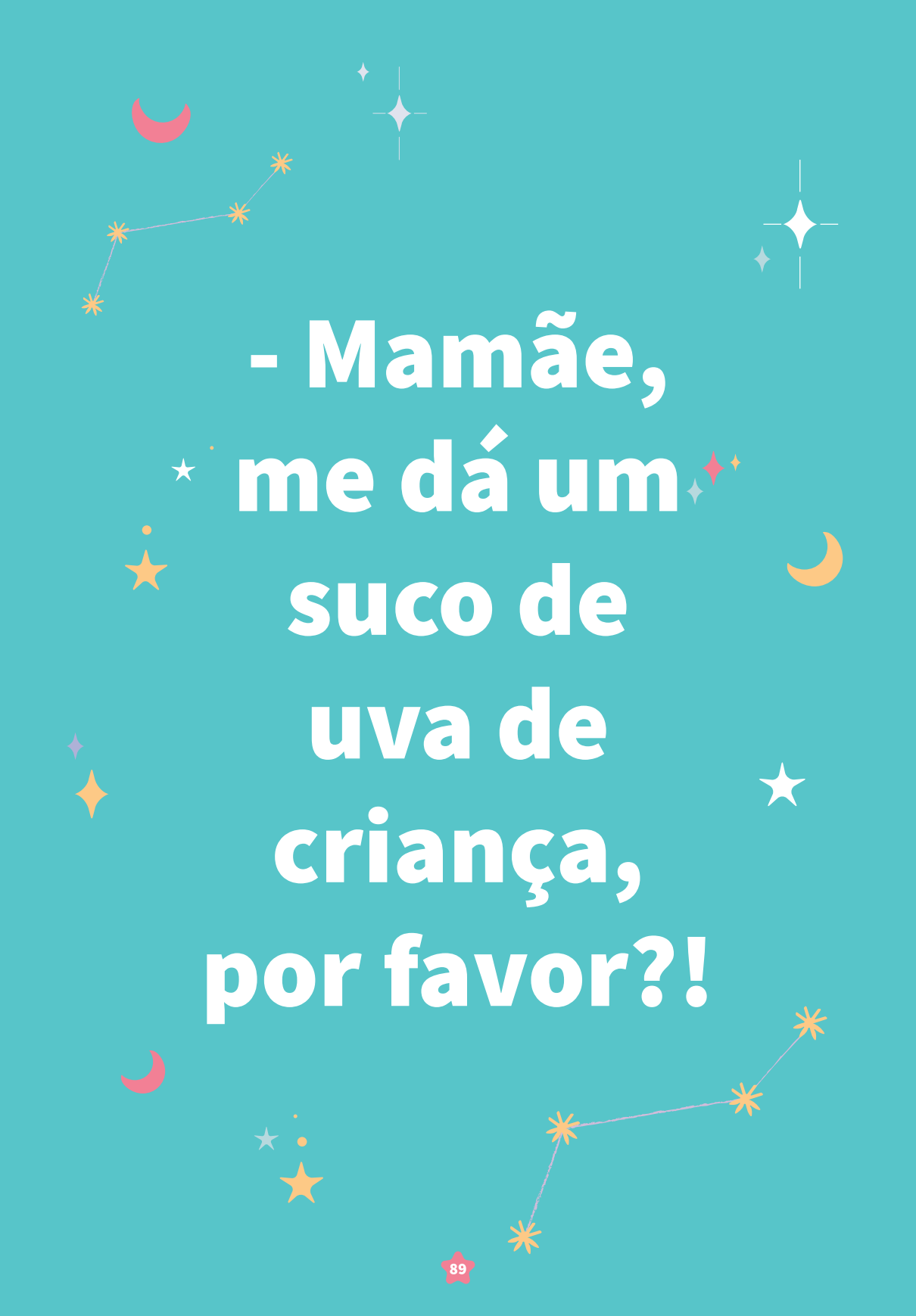
- O que é vinho?



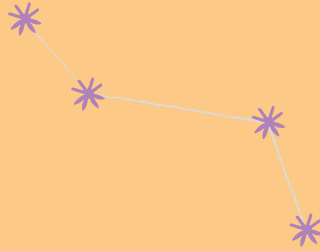
- É suco de uva de adulto, respondi.

*Ela deu uma volta, brincou um
pouco e voltou:*





**- Mamãe,
me dá um
suco de
uva de
criança,
por favor?!**



CRIANÇA ARRUMADINHA

Por trás de uma criança toda linda e arrumada tem uma mãe que deu uma surtadinha uma hora antes.



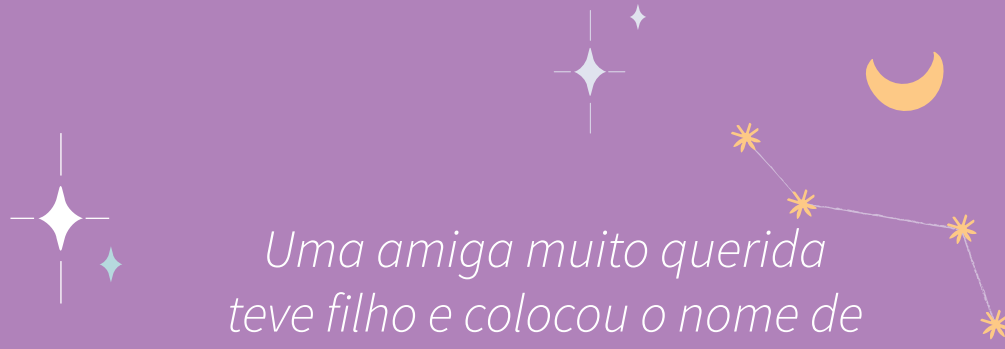
Lá em casa nem todo dia a Cecília acorda dis-
posta a colaborar com a rotina e com a mamãe. Na maioria das vezes ela acata minhas coordenadas: acorda, toma um mamá, levanta, vai ao banheiro fazer xixi, escova os dentes, coloca o uniforme da escola e termina comigo arrumando o cabelo. Eu prefiro manter uma sequência de ações para facilitar o raciocínio logo cedo e evitar que algo seja esquecido ou alguma parte (tipo, escovar os dentes) seja pulada. Mas tem dias em que a Ceci quebra o protocolo.

A briga geralmente é com a roupa. Sem entrar no mérito se o uniforme é o bom ou ruim, uma coisa é certa: é prático. Não precisa ficar pensando muito o que vestir, qual roupa escolher, já que a Ceci, desde os 2 aninhos, escolhe o que vai usar. Entre as opções de uniforme que ela dispõe tem calça, shorts e saia. Ela ama saia. Saia com meia calça rosa. É um tanto vaidosa. Acontece que nem sempre tem meia calça limpa, nem sempre tem a meia calça rosa no tom que a Ceci quer, nem sempre a espessura é adequada à temperatura do dia. E aí começa o ritual. Nesses dias geralmente nos atrasamos pois demora um certo tempo até entrarmos em um acordo. Se não tem acordo, eu mando. Ela chora, mas não há outra opção a não ser obedecer.

Com os dentes é uma novela. Pelo menos uma vez por semana a Ceci faz cara feia na hora de escovar. Ela torce o nariz, capricha no drama e diz que não gosta da escova, outra vez é o creme dental, o sabor não é bom, a cor não combina, não tem brilho e eu quero com brilho, eu não gosto da princesa Sophia e ela está estampada no tubo do creme dental. Já troquei escova, troquei creme dental, com personagem, sem personagem. Teve um dia em que, depois de pedir, implorar, mandar, eu cansei, já estava atrasada para trabalho e ficando bastante irritada. Peguei o celular, escrevi no buscador “o que acontece com quem não escova os dentes” e mostrei fotos horríveis para ela. Funcionou. Ficou uns dois dias falando sobre o que viu e agora as birras para não escovar estão mais espaçadas.

Cecília tem cabelos longos, loiros. Eu me divirto fazendo tranças, coques, rabos de cavalo, dois rabinhos, enfim. Quando estamos com pouco tempo, opto pelo mais prático. Mas tem dias em que a Ceci quer determinado penteado e aí a negociação não é muito fácil. Quase sempre ela pede um “batonzinho de brilho” emprestado da mamãe, um glitter, um blush... Aliás, outro dia fez um escândalo na farmácia porque eu não queria comprar um blush para ela. Jogou-se no chão, esperneou, chorou, fez drama. Todos se comoveram, menos eu. Afinal, nem eu tinha aquele blush caríssimo que ela queria. Não levou, é óbvio. Mesmo com todas as pessoas da farmácia me direcionando olhares de reprovação como se dissessem: “que mãe sem coração!”

Acontece que os pequenos hoje em dia são cheios de opinião, querem justificativa para tudo. Não dá para criar os filhos como nós fomos criados. Às vezes precisamos deixar eles decidirem e incentivar que tenham autonomia, às vezes precisamos nos impor. E penso que isso também é amor. Às vezes a birra é só para chamar a atenção mesmo, é carência, é um pedido de colo e carinho. Enfim, é simples! Basta ser uma mãe equilibrada e com saúde mental em dia para dar conta de tudo. Tchãã!



*Uma amiga muito querida
teve filho e colocou o nome de
Theodoro. Mas a Cecília não
conseguiu assimilar.*



-Ele se chama Theodoro, Ceci!

-Meudoro?



-Não, Cecília. É Théo,
Theodoro.

**-Então, mamãe! É isso que
tô falando: Meudoro.**



Até hoje é Meudoro.



UM FILHO PARA CHAMAR DE MEU

Você já parou para pensar que um filho biológico não pode ser “devolvido”?



Dia desses entrevistei uma Assistente Social. A pauta era adoção. A profissional trabalha no Fórum e explicou direitinho todas as regras, cuidados, etapas que envolvem um processo de adoção de uma criança ou adolescente. Por exemplo: a pessoa que adota precisa ser maior de 18 anos e ter, pelo menos, 16 anos a mais que a criança adotada; pode ser solteiro ou casado; o processo de adoção de recém-nascidos pode levar até oito anos; existe uma romantização do que é ser pai e mãe e é por isso que muitas crianças acabam sendo “devolvidas” aos abrigos depois de serem adotadas. São os casos de insucesso. Essas aspas ali atrás foram propositais. Como pode uma criança ser devolvida tal qual uma mercadoria?

Entre tantas questões tratadas na conversa, a profissional explicava que, geralmente, quando as adoções são frustradas e os pais desistem do filho, é porque houve uma glamourização, uma expectativa de que a criança fosse perfeita, que não tivesse os problemas que todo filho biológico tem, que fosse uma criança calma que nunca enfrentasse os pais, um adolescente não-revoltado com a vida, entre outras coisas. E a gente sabe que isso não existe. Qual criança nunca questionou os pais? Qual jovem nunca se aborreceu além da conta?

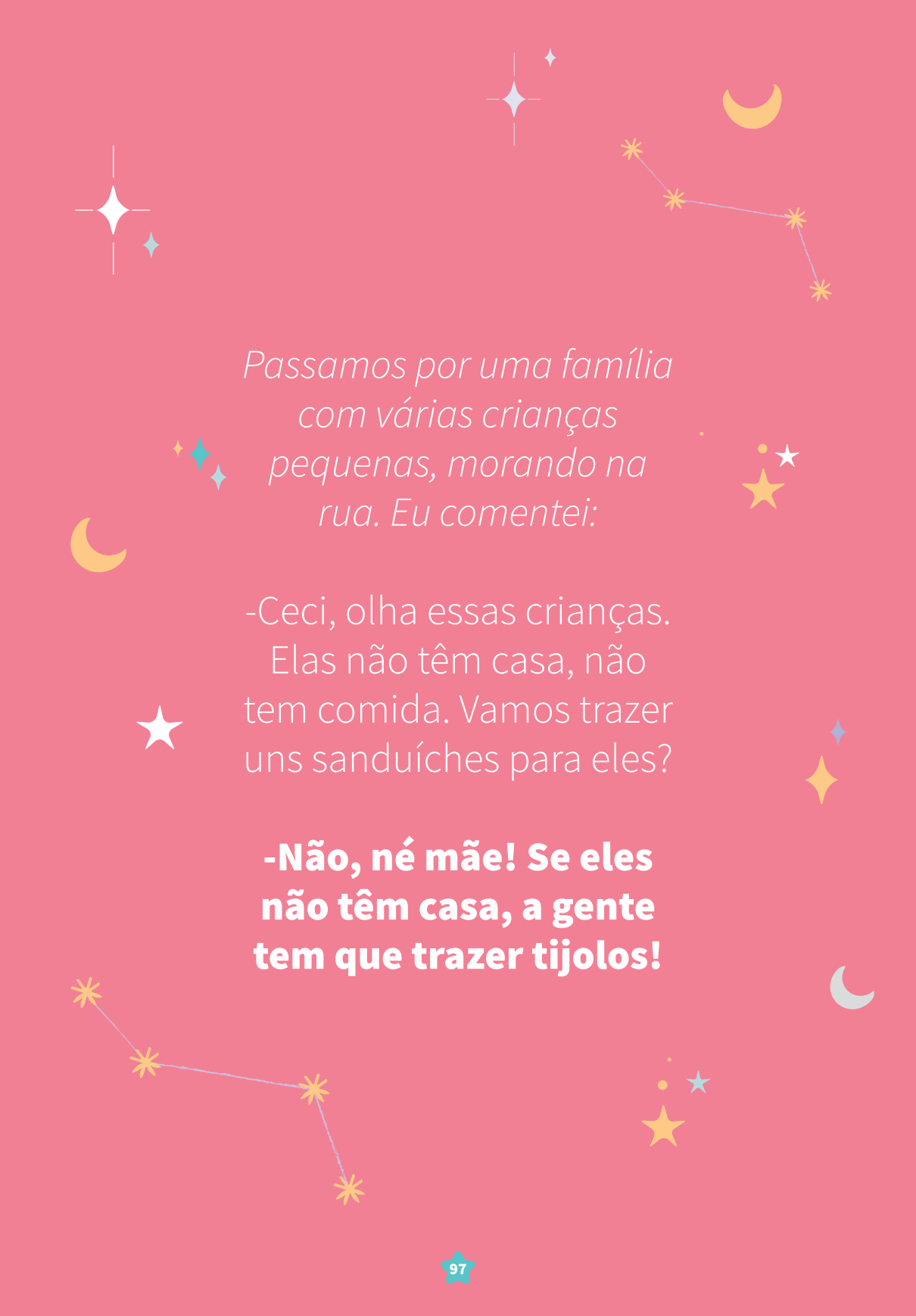
Eu lembrei muito de quando a Cecília nasceu. Na primeira noite no hospital, após uma cesárea, eu mal conseguia me mexer e as enfermeiras levaram a Ceci para o quarto onde eu estava. Ela chorava. Chorava muito. Eu estava com os movimentos muito limitados por causa da cirurgia, mal conseguir me virar e ela chorava. É claro. Crianças pequenas choram. Eu chamava as enfermeiras. A Cecília chorava. Elas levavam a Cecília para o berçário até ela se acalmar, depois devolviam para o quarto. A Cecília

chorava mais. As horas passavam e eu me desesperava. Passei a chorar junto. Até que uma delas fez uma pergunta bastante pertinente, entre as idas e vindas: “É o primeiro filho, não é?” Sim, era o primeiro filho. Uma pergunta tão simples, mas que veio como um soco. Eu não estava sabendo lidar.

A situação era completamente nova. Antes, na barriga, tudo era controlado. Fora da barriga a Cecília era um ser com necessidades: de leite, de afeto, de cuidados especiais. Juro que pensei: “Meu Deus, o que eu faço com essa criança?” Depois veio o sono, a calma, veio o colo, o conforto, a mamada no peito, o contato mãe e filha e a descoberta de um vínculo muito além da conta. Mas nada foi automático.

Conversando com a Assistente Social eu tentei me colocar no lugar desses pais que “devolvem” uma criança. Eu não tive essa opção de devolução enquanto mãe biológica, ainda bem! Pensa comigo: para quem você vai devolver? Para o médico que fez o pré-natal? Para o anestesista? Vai empurrar de volta para barriga? Acredito que a romantização do filho perfeito, aliado ao pavor que a gente sente diante de uma situação nova expliquem, mesmo que em partes, o desespero de qualquer mãe ou pai de primeira viagem.

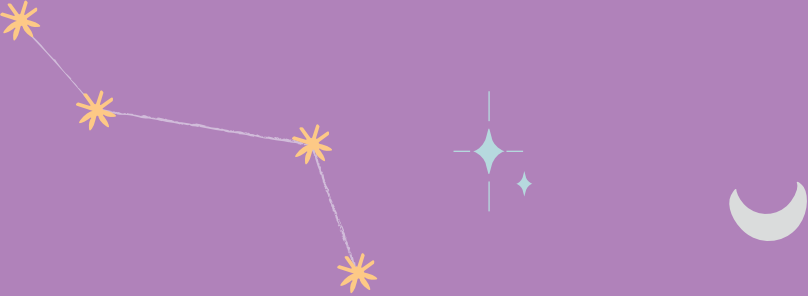
Uma das coisas que a maternidade me ensinou é que o instinto animal que habita em nós é algo muito fiel e precisamos permitir que ele vingue. A natureza é perfeita, só temos que acalmar o coração e lambe a cria. O amor vai nascendo e a gente vai descobrindo como se lida com os choros, com as cólicas, com as birras. Esse aprendizado vale para quem pariu um filho ou para quem adotou. Tanto faz. Os problemas de uma criança adotiva serão os mesmos de qualquer criança do planeta. Exceções a gente trata, a gente cuida, a gente cura. Um filho a gente não devolve nunca. Sabe por quê? Porque, simplesmente, não existe essa opção.





*Passamos por uma família
com várias crianças
pequenas, morando na
rua. Eu comentei:*

-Ceci, olha essas crianças.
Elas não têm casa, não
tem comida. Vamos trazer
uns sanduíches para eles?

**-Não, né mãe! Se eles
não têm casa, a gente
tem que trazer tijolos!**



O QUE O AMOR FARIA AGORA?



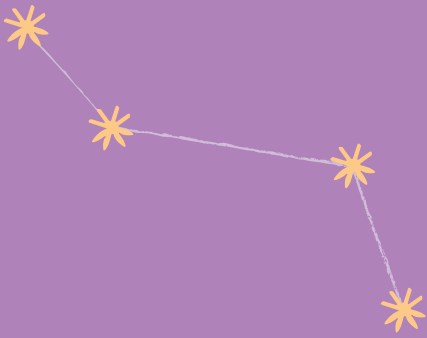
Eu ouvi essa pergunta
outro dia em um podcast
e trouxe para o universo
da maternidade.

A Cecília tem me desafiado. Ela já entendeu que pode jogar entre o pai dela e eu. Do alto dos seus três anos de idade, o aprendizado da malandragem veio rápido. Vou ilustrar. Outro dia a Ceci foi passar a tarde na casa de uma amiguinha. Brincaram, correram, foram ao parque. Tudo muito legal e divertido.

Quando fui buscá-la no fim da tarde, estava rebelde comigo. Fez birra enquanto eu dirigia e não olhava para ela, jogou água no carro todo, chorou, chutou os bancos, queria bala e pirulito, derrubou de propósito meu celular no chão. Passou dos limites valendo. Eu tentei conversar, mas só piorava. Foi quando endureci: “Cecília, se você continuar desobedecendo a mamãe, nunca mais vai na casa da amiga. Pronto! É assim que vai ser agora”!

Ela me olhou meio chorando, meio me desafiando com o olhar. Passaram alguns minutos e a resposta veio: “Na casa do meu pai criança que briga pode passear nos amigos”, retrucou. Não aguentei: “Olha aqui, Cecília! Quem manda aqui sou eu e na minha casa sou eu quem diz como as coisas funcionam, entendeu? Se desobedecer, não tem amigos!” Ela baixou os olhos, concordou com a cabeça e morreu o assunto. Depois disso pediu colo, acolhi ela e ela dormiu, soluçando.

Dói no meu coração quando preciso me posicionar dessa forma. Mas depois, ouvindo a pergunta que intitula essa crônica, dou-me conta de que a resposta do amor talvez fosse essa mesma. Impor limites, esclarecer até onde cada um pode ir, colocar o “não” para a criança, ajudá-la a administrar suas frustrações. Acredito que, naquele momento, a melhor resposta do amor era essa mesmo. Ninguém havia me contado sobre o lado duro do amor materno. É a parte menos doce, mas certamente a mais importante.

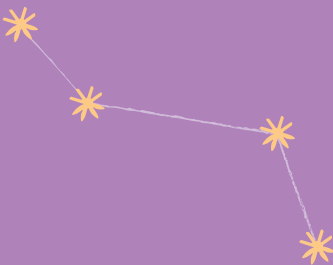


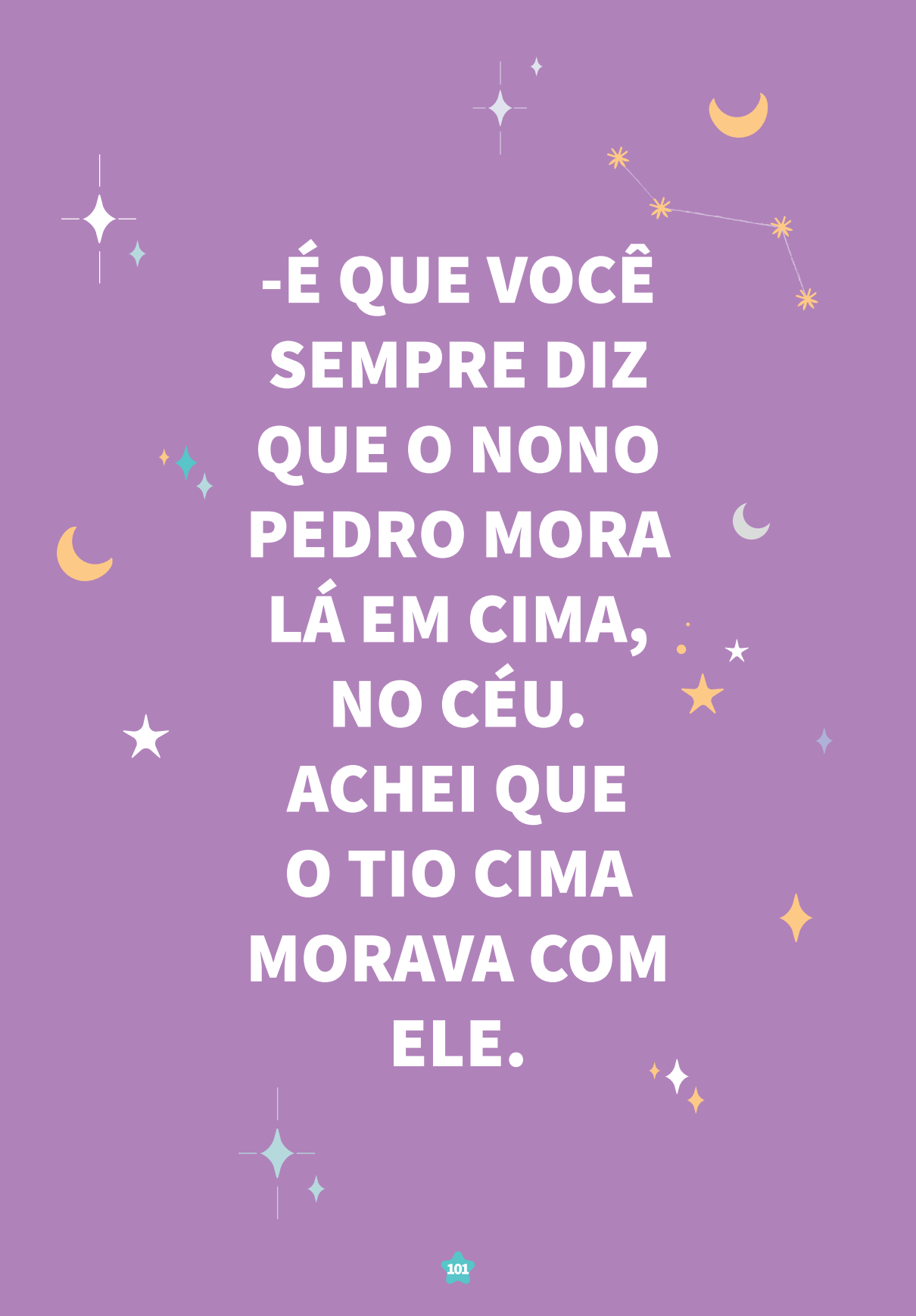
*Saíamos da casa de um
casal de amigos, muito
queridos, a Maria e o
Cima.*

**-Mamãe, o Tio Cima
mora no céu?**

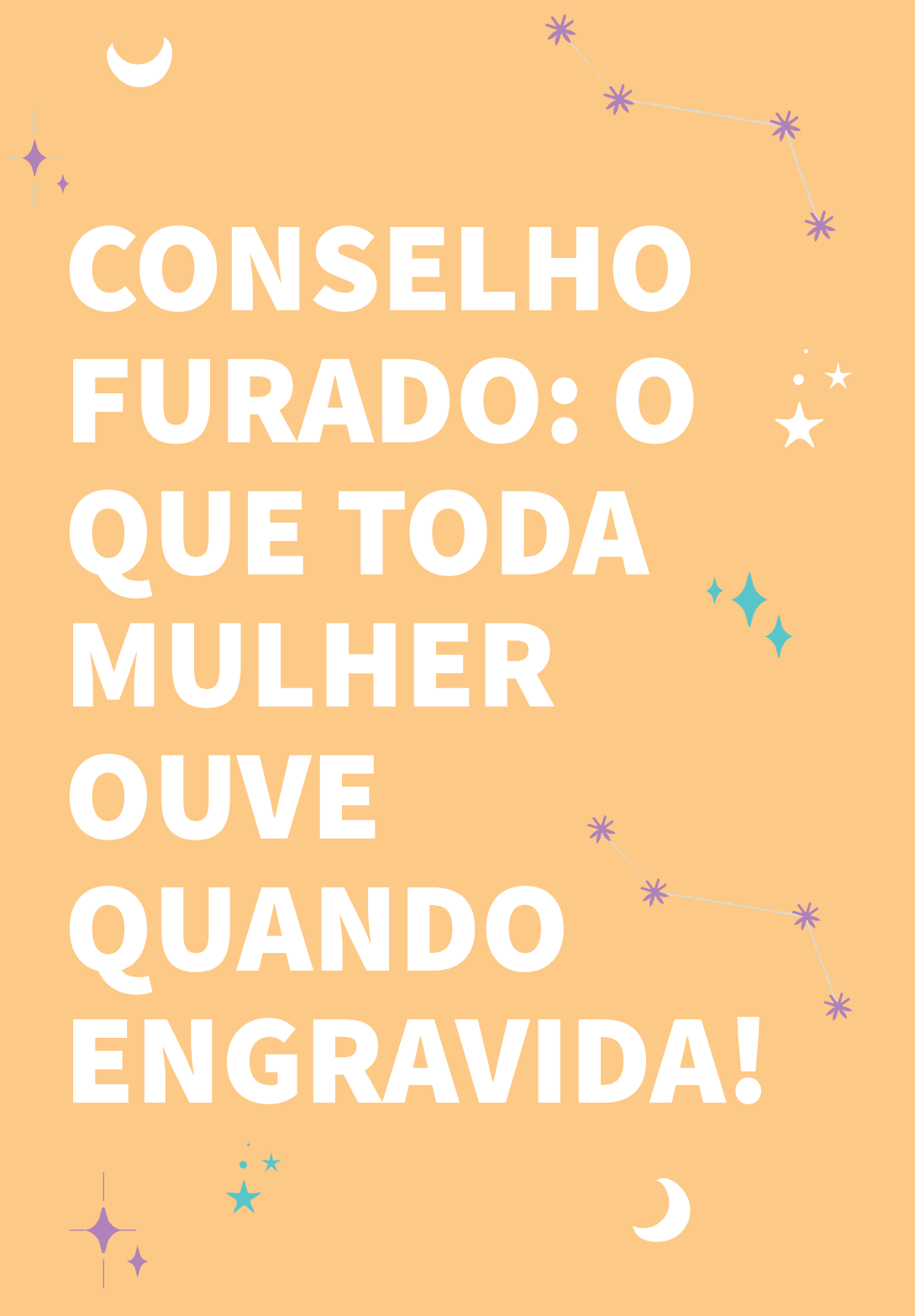


-Não, Ceci! Ele mora na
casa onde a gente estava
agora. Mas por quê?

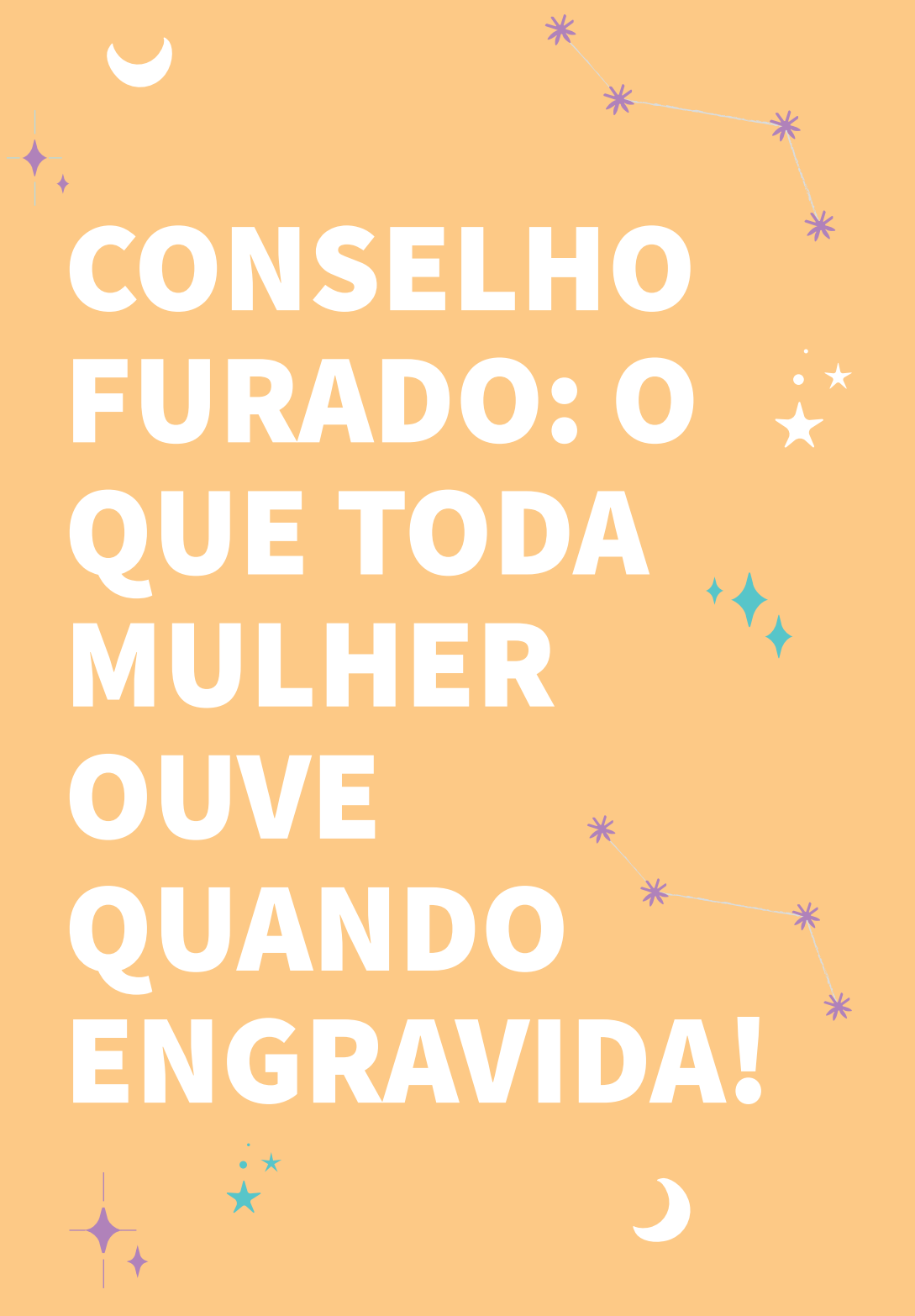




**-É QUE VOCÊ
SEMPRE DIZ
QUE O NONO
PEDRO MORA
LÁ EM CIMA,
NO CÉU.
ACHEI QUE
O TIO CIMA
MORAVA COM
ELE.**



**CONSELHO
FURADO: O
QUE TODA
MULHER
OUVE
QUANDO
ENGRAVIDA!**



Em nome de toda uma geração de pais de primeira viagem, preciso fazer um pedido mais do que especial àqueles que já tem filhos: não assustem os casais grávidos com seus conselhos desnecessários. Please! Procurem falar o quanto é edificante ter um filho, o quanto a gente amadurece, o quanto aquele serzinho vai preencher a sua vida e sua casa de amor. Deixem que a parte ruim a gente descobre sozinho.

Quando eu engravidei da Cecília ouvi muita coisa que me deixava nervosa. Eu não tinha a dimensão, naquele momento, de que abrir mão de um monte de coisas seria natural e automático. Tipo, próxima página.

No começo da gravidez os hormônios da mulher ficam alvoroçados, e eu, especialmente, não me conhecia mais. Tudo era na potência máxima. Um probleminha era um problemão. Fiquei impaciente, sincera demais e até grosseira. Imagina como eu recebia os ditos “conselhos”. Eu expelia fogo e nem sempre disfarçava. Um tanto antissocial me tornei.

Se você, leitor ou leitora desse texto, alguma vez na vida, deu uma risadinha de canto de boca e disparou uma dessas para um casal grávido na esperança de dividir suas frustrações, pare cinco minutos e peça desculpas ao universo, mesmo em pensamento. Você fez uma dívida.

Eis dois “conselhos barca furada” que mais ouvi durante a gestação:

“Aproveita para dormir agora”. Aproveita para dormir agora? Como assim? Vou parar a minha vida e hibernar por nove meses para produzir uma reserva de sono para ser usada no pós-parto? É possível isso? Por favor, não diga isso para ninguém. Primeiro porque não é possível adiantar o sono. Depois, porque os pais não vão jamais conseguir dormir até que passem todas as cólicas, o refluxo, a febre. Tudo o que você mais quer é que o seu filho fique bem. Claro que tem o cansaço físico e uma hora ele bate. Mas você descobre que consegue viver dormindo menos, bem menos!

“Saia bastante agora porque depois vai ficar trancada em casa”. Na reta final da minha gravidez eu pegava o carro e saía sem rumos, às vezes, com essa ideia de aproveitar. Ia a lugares que eu nem queria, entrava em lojas que nem precisava, ia ao cinema sem gostar do filme, pois depois eu ia ficar “trancada em casa”. É o seguinte: você não vai querer estar em outro lugar a não ser perto do seu filho, lambendo a cria. Todo o mundo lá fora fica menos importante, automaticamente.

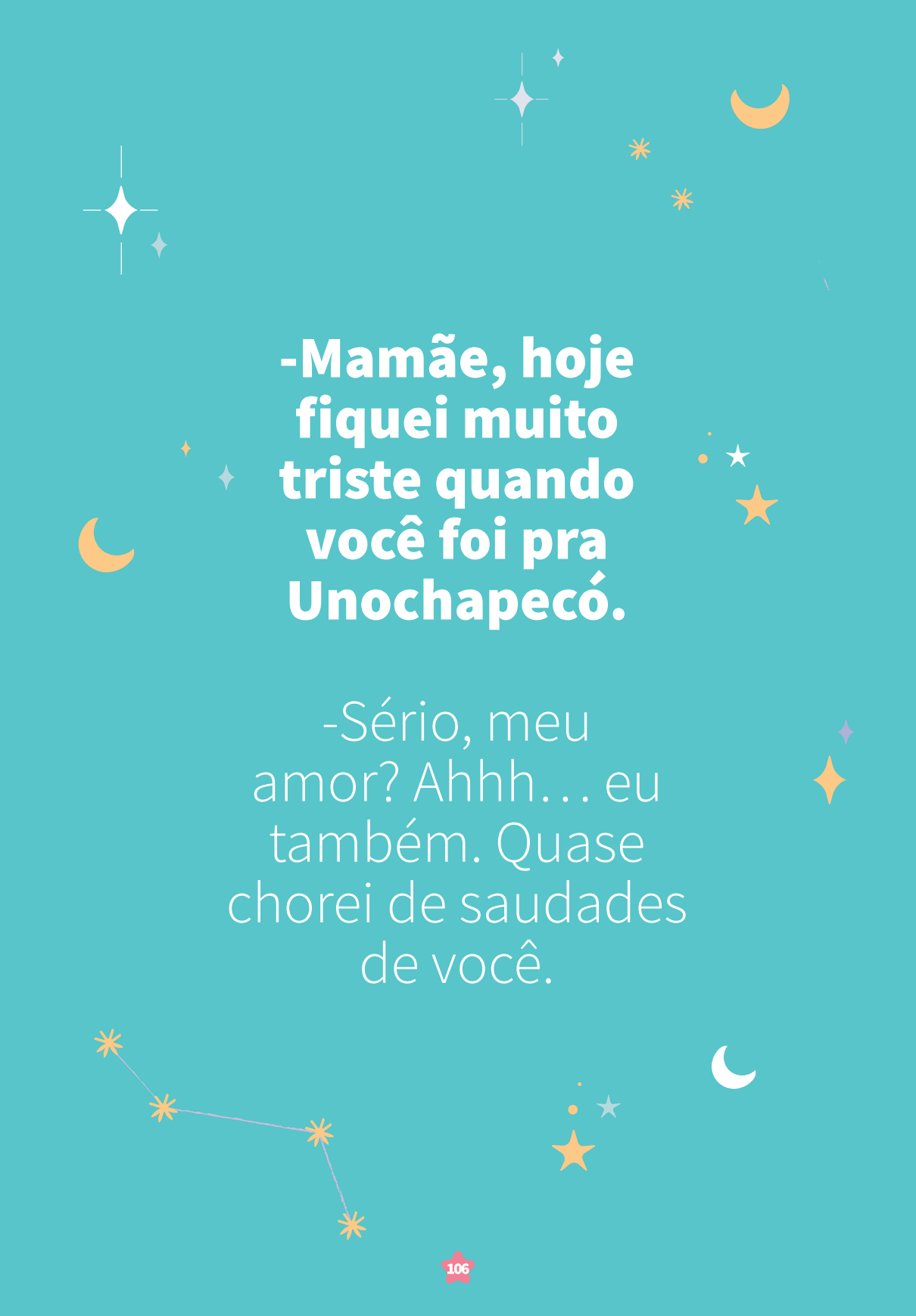
Claro que eu tive vontade de sair um pouco de casa, sentir o sol. Mas quando saio sozinha agora faço tudo muito rápido e volto para casa correndo. Simples assim. O sentido da sua vida está em casa e não em outro lugar. Depois, com o passar dos meses, você vai vendo que dá para levar o filho a um monte de lugares

legais e a sua vida volta bem próximo do normal (a gente pode discutir o conceito de “vida normal”).

Desde sempre as palavras têm uma força muito grande. Elas são capazes de te colocar para cima, mas também de te influenciar negativamente. Vou até sugerir algumas frases que soam como música aos ouvidos de quem espera um filho:

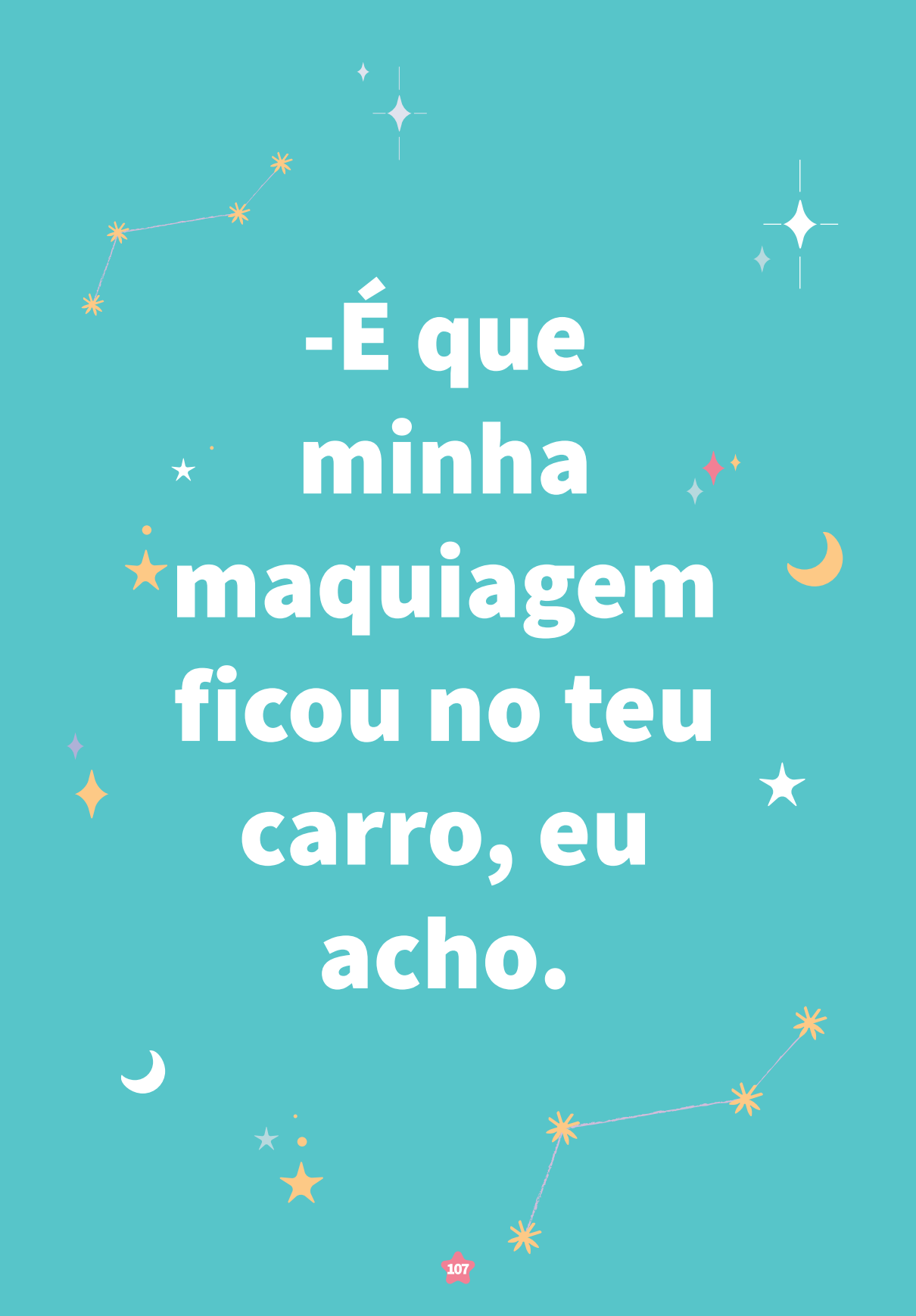
- *Você vai descobrir o amor mais puro que existe!*
- *Você vai se apaixonar pela criança e ficar muito bobo!*
- *Tudo vai ganhar sentido!*
- *Vai ser a maior alegria da sua vida!*
- *Vai animar toda a família, até o tio mais durão! E por aí vai...*

Tenho certeza que frases assim serão muito bem-vindas e emitirão energias boas, sentimentos de felicidade e harmonia. Mas, se você não se sentir à vontade para falar uma coisa positiva, faça uma gentileza: não fale nada. Os hormônios da gestante agradecem.



**-Mamãe, hoje
fiquei muito
triste quando
você foi pra
Unochapecó.**

-Sério, meu
amor? Ahhh... eu
também. Quase
chorei de saudades
de você.




**-É que
minha
maquiagem
ficou no teu
carro, eu
acho.**



“MAMÃE, PODE SAIR”

Imagine você
ouvindo isso da
sua filha de três
anos de idade.



Estávamos em casa, eu na cozinha preparando a janta e a Cecília brincando na sala. De repente ela me disse, com a mãozinha no bumbum, que queria fazer xixi e cocô. Ceci correu para o banheiro e eu fui atrás. Quando entrei ela já estava com as calças abaixadas, sentada no vaso sanitário.

- *Mamãe, pode sair. Eu consigo!*

- *Mas Cecília, eu te ajudo! Disse eu, na esperança de poder ser útil.*

- *Mamãe, vai ficar muito fedido aqui, pode sair. Eu consigo me limpar, insistiu.*

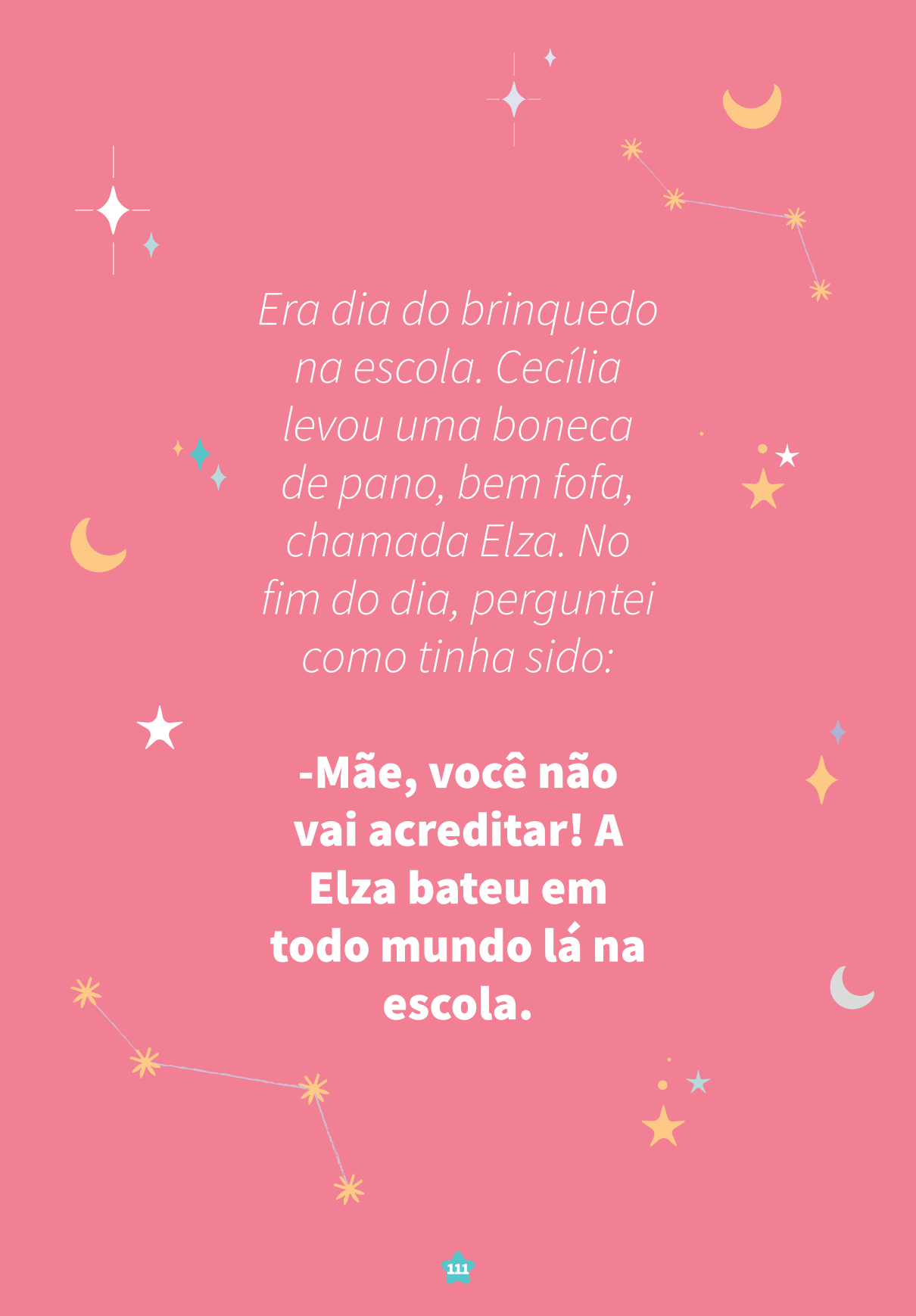
Foi como se eu estivesse assinando um pedido de emancipação da minha filha em um cartório, em três vias autenticadas, sem testemunhas. A minha pequena garotinha de três anos de idade, que mal sabe como é o mundo lá fora, não precisa mais de mim para limpar o cocô? Era um fato. Mas a minha cabeça não parou. Como assim ela aprendeu tão rápido a se limpar sozinha? Como assim ela consegue fazer isso sem a minha ajuda? As perguntas não pararam. Em uma fração de segundo, o mundo deu um giro violento.

Engraçado como a gente é. Ao mesmo tempo em que incentivamos os nossos filhos a serem autônomos, a fazerem as coisas sozinhos, a se vestirem, a tomarem banho, a limparem o bumbum, a comerem as garfadas do almoço com a própria colher, quando eles realizam esses feitos por conta própria, sem a nossa ajuda, fica um buraco no nosso peito. Não sei explicar. Talvez você, ao ler esse texto, consiga definir para mim essa sensação de estranhamento.

Na hora do banho não tem sido diferente aqui em casa. “Mamãe, eu sei”, “Mamãe, eu consigo me lavar”, “mamãe, eu subo sozinha”, “eu me visto”, “eu, eu, eu, eu...” Isso não é música para os meus ouvidos, apesar de ser alegria para o meu cérebro.

Pensei agora, rápido, em como devem se sentir as mães diante da síndrome do ninho vazio. Qual é o tipo de sensação que uma mãe deve experienciar com um filho adulto que já trabalha, ganha sua grana e toma suas próprias decisões? E os filhos já vividos?! Como se sente uma mãe que talvez não consiga mais aconselhar seu filho porque, simplesmente, não o conhece mais? Ele cresceu, viveu suas experiências, rompeu com algumas questões familiares passadas, tem um novo jeito de olhar o mundo.

Fortaleza de um lado, fragilidade de outro. Depois desse rombo de emancipação e de me expulsar do banheiro, Ceci pediu colo. Pediu mamadeira, teve sono, queria aconchego. Me senti importante novamente e veio uma certa sensação de alívio. Eu quero minha filha independente, morro de orgulho de todas as coisas que a Ceci já faz sozinha mesmo pequena, mas no fundo, bem lá no fundo, me conforta saber que ela ainda precisa de mim, do meu colo, do meu cheiro e, que, apesar das minhas inseguranças maternas, ela me ama.

The background is a solid pink color. It is decorated with various celestial motifs: several white and yellow stars of different sizes, some with four-pointed starburst patterns. There are also yellow crescent moons. A constellation of yellow stars connected by thin lines is visible in the upper right and lower left areas. Small teal and yellow star-like shapes are scattered throughout the page.

*Era dia do brinquedo
na escola. Cecília
levou uma boneca
de pano, bem fofa,
chamada Elza. No
fim do dia, perguntei
como tinha sido:*

**-Mãe, você não
vai acreditar! A
Elza bateu em
todo mundo lá na
escola.**



O MUNDO PELOS OLHOS DA CECI



A empatia é fundamental para entender como é o mundo sob os olhos de uma criança de um metro de altura.



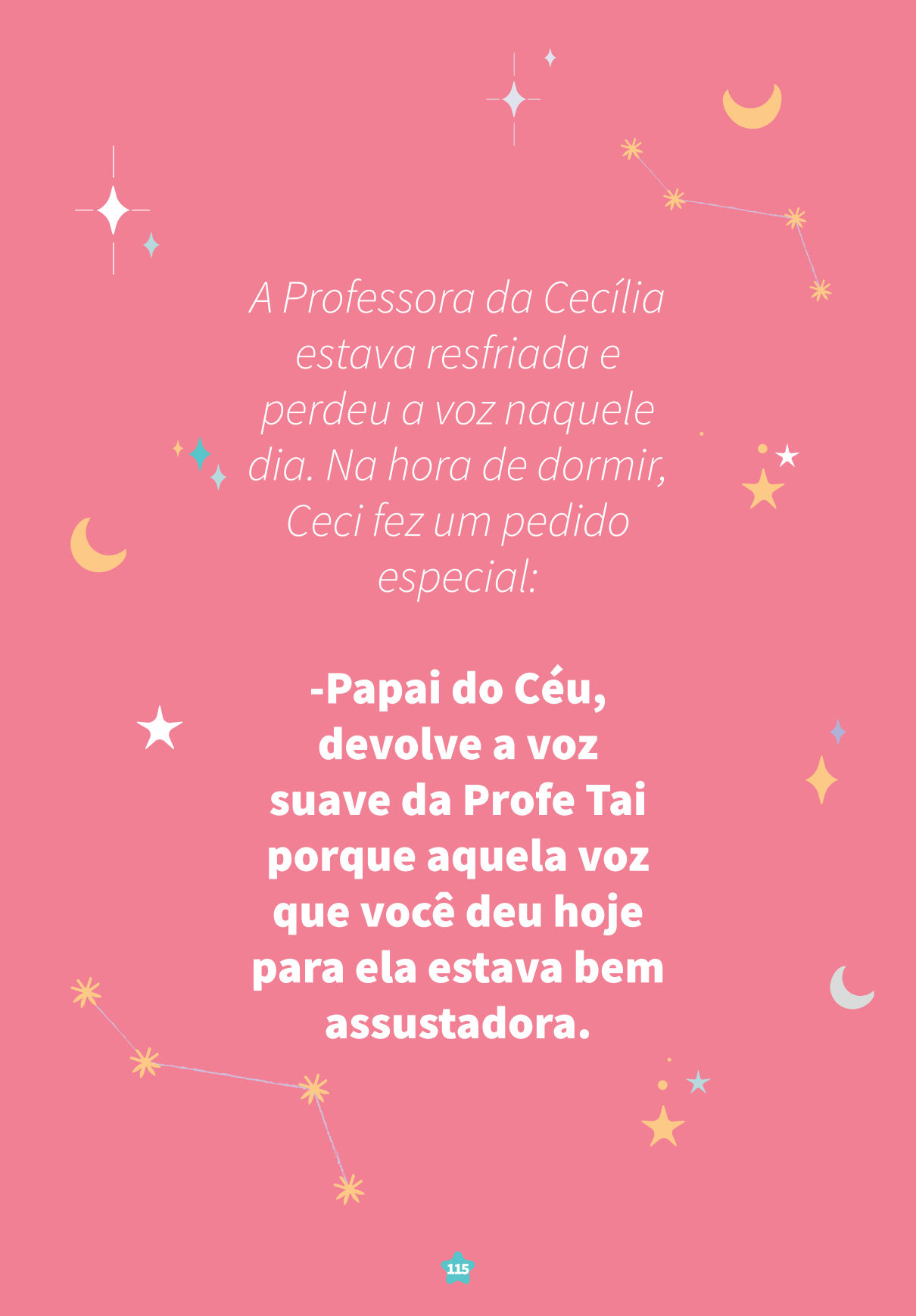
Depois da escola, Ceci e eu fomos a uma loja de utilidades comprar alguns presentes e umas coisinhas que estavam faltando para nossa casa. A loja estava cheia e, nesses lugares de movimento, sempre cuido para que a Cecília fique pertinho de mim. Por ali, me cerceando, em um raio máximo de um metro, um metro e meio. Não é raro ouvir histórias de crianças que se perdem na multidão.

Como em todas as lojas às vésperas do Dia das Crianças, aquela estava especialmente colorida e cheia, repleta de brinquedos que deixavam qualquer um encantado. Nós pegamos o que precisávamos e nos dirigimos ao caixa. Em um segundo de distração minha a Cecília sumiu dos meus olhos. Enquanto eu falava para moça do caixa que pagaria com cartão, ela saiu andando por um corredor sem que eu percebesse, prestando atenção nas bonecas grandes e enfileiradas, com fitas, laços, acessórios e adereços. Algumas maiores que ela.

Naquela fração de segundo eu larguei tudo ali e saí atrás da Ceci. Uma funcionária da loja, percebendo a situação, fez o mesmo que eu. Provavelmente notou meu desespero de mãe ou talvez seja mãe também. Eu fui por um corredor e ela por outro. Não deu nem 5 segundos e já achamos a pequena, aos prantos. Corri para abraçar e consolar a Cecília. Ela chorava e dizia: “Mãe, eu perdi os teus sapatos”.

Na hora não entendi o que ela queria dizer com aquilo. Só consolei, acalmamo-nos, tudo certo. Mas depois comecei a pensar. Claro, a referência dela para saber se está perto de mim ou não são os meus sapatos, porque ela não fica olhando nos meus olhos. Ela olha para o chão para identificar a mamãe. Quando saiu divagando pelos corredores da loja e olhou em volta em busca dos meus sapatos e não encontrou, veio o desespero.

Essa situação só reforça aquilo que eu já sabia: a importância de nós, adultos, respeitarmos o olhar da criança, a forma como ela vê o mundo, o ângulo pelo qual ela enxerga o seu exterior. Se quisermos ensinar sobre respeito e igualdade, precisamos nos abaixar e ficarmos na mesma altura dela para conversarmos, olho no olho. Susto, alívio, calma, reflexão. Acho que encontrei alguém que conheça mais sobre meus sapatos do que eu. Só espero que essa nossa caminhada de mãe e filha seja sempre bonita e cheia de aprendizado.




*A Professora da Cecília
estava resfriada e
perdeu a voz naquele
dia. Na hora de dormir,
Ceci fez um pedido
especial:*

**-Papai do Céu,
devolve a voz
suave da Profe Tai
porque aquela voz
que você deu hoje
para ela estava bem
assustadora.**



PISEI NA BOLA

Mais dia, menos dia, as crianças vão chamar nossa atenção sobre algo não tão legal que estamos fazendo. E a gente vai ter que aceitar.



O feedback foi duro e certo. Eu estava resolvendo umas coisas do trabalho à noite, em casa, pelo celular. Tenho tentado, de verdade, afastar-me do celular à noite, praticar a dito mindfulness, concentrar-me realmente no agora, na Cecília, na casa, em preparar uma janta para nós, na organização das coisas infinitas sacolas, mochilas, lancheira, tema de casa para o dia seguinte. Mas às vezes não consigo.

Eu estava lá, no WhatsApp, e não me dei conta de que era a décima vez que a Cecília me chamava. Ela queria me mostrar um desenho e o quanto ela tinha pintado direitinho, dentro da linha. Cecília deslanchou a falar aos dois anos de idade e, desde aquele momento, pronuncia muito bem as palavras. Um espetáculo na oralidade. Mas a motricidade fina veio depois. Demorou um pouco para ter a habilidade com o lápis. Então, todo avanço é acompanhado e elogiado, claro!


Naquela situação eu não dei atenção a ela, como era de se esperar. Já cansada de me chamar sem obter resposta, ela veio até mim e em

tom de ordem, falou: - Mamãe, larga esse celular senão amanhã você não vai trabalhar e ainda vai ter que brincar com todos os meus amigos! Não pensei duas vezes. O olhar dela era de desapontamento e reprovação. Larguei tudo imediatamente e fui ver o desenho. E estava tão lindo!

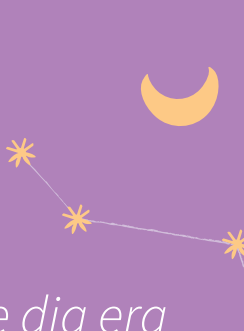
No dia seguinte comecei a pensar... Cecília queria me punir com a tentativa de me impedir de ir trabalhar. Isso quer dizer que ela sabe que a mamãe ama o trabalho, adora ser jornalista. Que bom, pensei! Eu evito dizer para ela que eu tenho que ir trabalhar. Como se fosse um peso. E ela entendeu direito.

Mas a parte da punição que dizia “e ainda vai ter que brincar com todos os meus amigos” foi mais forte. Ela já sacou também que eu não brinco tanto com ela como poderia, ou deveria... que talvez eu tivesse que realmente me dedicar mais ao lúdico, ao brincar. Esquecer as preocupações do mundo dos adultos e me deixar levar pelo mundinho lindo das crianças.

Que desafio esse, e que feedback necessário, minha filha! Prometo ser uma mãe melhor.



O tema de casa naquele dia era construir um livro. Comecei a conversar com a Ceci sobre qual história a gente iria contar. Ela, rapidamente:



-A história da Cinderela!


-Não dá, meu amor. Tem que ser uma história nova, que não existe ainda.



Pensou um pouco



**-Já sei, mamãe: a história da
Chapeuzinho Azul! Nem vem
porque essa não
existe.**



DEPOIMENTOS DE LEITORES DO BLOG CECIEMSAGITARIO.COM

E nos textos da Juli eu encontro conforto e deixo a culpa de lado! Essa é a maternidade, sem rodeios e de fato! <3 <3 <3

Daniela Di Domenico - Chapecó/SC

A luta é mostrar que precisamos mais da rede de apoio, da maternidade real do que todos os aparatos tecnológicos. O que uma mãe e um bebê mais precisam é de acolhida e suporte. Não é fácil, mas imagino que ver na Cecília o resultado de todo o investimento afetivo deve valer a pena.

Patrícia Wolff Müller - Sapiranga/RS

Lindo, sensível e real.

Ana Lucia Silva Basso - Novo Hamburgo/RS

Tão lindo Ju, tão profundo, tão real. Me vejo muito nesse texto. Mas como tu disse, um dia de cada vez.


Liana Sonza - Chapecó/SC

Perfeito! Conseguiu colocar em palavras exatamente como nós, mães, nos sentimos.

Marta Cristina Bressiani - Chapecó/SC


Juli, estou em lágrimas e feliz em saber que não sou a única a passar por isso, confesso que tenho medo de comentar sobre isso por acharem que é frescura.

Daiana Delfino - Foz do Iguaçu/PR




Juli, que lindo, que palavras magníficas, de forma simples, mas simplesmente bem colocadas. Depois de sermos mães nossa vida é uma constante reinvenção. Que nossa coragem interior nos levante todos os dias para continuarmos a dar o nosso melhor!

Cristina Becker - Águas de Chapecó/SC



Que texto, Juli! Me encontrei nele. Fiz isso: um dia de cada vez! E precisei encontrar forças em mim mesma para seguir.

Jussara de Lima - Chapecó/SC



Texto perfeito! Obrigada, Juli, por dividir com a gente suas histórias, que se encaixam tanto com a nossa. Agora eu entendo bem.

Jessica Dayane Novello De Marco - Chapecó/SC

Não é fácil, mas não trocamos essa experiência de ser mãe por nada desse mundo! Amo ser mãe mesmo com todo trabalho que dá. O amor que recebemos em troca vale qualquer sacrifício.

Elisabeth Martins Da Silva - Chapecó/SC

E é isso mesmo, estamos fazendo nosso melhor... e está tudo bem!

Cleunice Zanella - Chapecó/SC

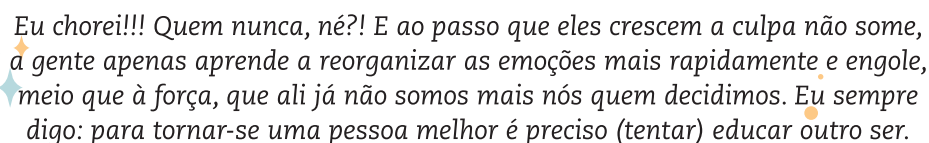
Texto maravilhoso, carregado de verdade e coragem! E é isso que nossos filhos precisam de nós.

Teresinha Rita Boufleuer - Chapecó/SC

Em cada palavra, embora eu não seja mãe, você me fez reportar ao passado lembrando quando eu ajudava a cuidar da minha irmã.


Josiane Crusaro - Faxinal dos Guedes/SC





Eu chorei!!! Quem nunca, né?! E ao passo que eles crescem a culpa não some, a gente apenas aprende a reorganizar as emoções mais rapidamente e engole, meio que à força, que ali já não somos mais nós quem decidimos. Eu sempre digo: para tornar-se uma pessoa melhor é preciso (tentar) educar outro ser.

Jéssica Pires - Chapecó/SC



Texto lindo e verdadeiro! A parte mais difícil pra mim foi (ainda é, às vezes) abrir mão do controle ou entender que não depende de mim abrir mão ou não. Algumas coisas simplesmente acontecem, e não é culpa de ninguém. E isso se chama vida!!!

Fernanda Conte - Chapecó/SC

Meu filho fraturou o braço na escola, mas 5 dias depois, perto de mim, deu com a testa no pilar do prédio! 5 pontos. Chorei 48h sem parar... me “culpando” porque eu estava ali! Falar sobre essas angústias é confortante. Estamos, sim, fazendo o nosso melhor, mesmo que (em muitos momentos) não pareça ser!

Lilian Bohnen - Chapecó/SC



AGORA É COM VOCÊ!

MAMÃE

Escreva aqui uma pérola do seu filho ou filha que merece ser guardada:



Quando foi?


O que ele ou ela aprontou?

MULHER

Escreva aqui um sentimento que você tem guardado em relação à maternidade. Se for difícil começar, a gente ajuda:

Todo mundo dizia que... _____


Mas comigo...



Eu me senti....

Com isso aprendi que....

Obs: Se você quiser dividir comigo esta página, ficarei muito feliz!
É só mandar para o email ceciemsagitario@gmail.com ;)



Cole aqui uma foto
que você adora!

Com o Ceci em Sagitário eu assumi um propósito: quero que as mulheres falem sobre suas experiências com a maternidade. Quero que compartilhem sobre como foi dar à luz ou adotar uma criança. A maternidade é um acontecimento único e exclusivo na vida de uma mulher. É por isso que, refletindo sobre a própria jornada, cada mulher poderá se perceber, fazer as pazes com a sua essência feminina e, de forma autoconsciente, aceitar que a maternidade é isso mesmo: um emaranhado de erros e acertos.



 CECI EM
SAGITARIO

Cada momento junto com nossos filhos é um presente. Lamentavelmente, a vida anda tão corrida que prestamos pouca atenção nesses presentes. São tão valiosos e deixamos cair por aí, sem registro. A Juli não. Estendeu um enorme papel em branco e colocou no chão, abaixo da Cecília, para que cada história, palavra, risada que saia vá direto para a página, a salvo do esquecimento. São histórias singelas e que todo pai se identifica. Ótimo para nos lembrar dos presentes que recebemos diariamente, muitas vezes sem notar.



MARCOS PIANGERS
Autor de “O papai é pop” e
“O poder do Eu te Amo”

www.piangers.com